



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

CARLIANE MENDES DIAS

**AS PRÁTICAS AVALIATIVAS E SUAS IMPLICAÇÕES
PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DO EDUCANDO**

CAJAZEIRAS - PB

2012

CARLIANE MENDES DIAS

**AS PRÁTICAS AVALIATIVAS E SUAS IMPLICAÇÕES
PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DO EDUCANDO**

Monografia apresentada ao Curso Licenciatura Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Débia Suênia da S. Sousa

CAJAZEIRAS - PB

2012

CARLIANE MENDES DIAS

**AS PRÁTICAS AVALIATIVAS E SUAS IMPLICAÇÕES
PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DO EDUCANDO**

Monografia apresentada ao Curso Licenciatura Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em:/...../2012

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª.Ms. Débia Suênia da S. Sousa - Orientadora

Prof^ª. Ms. Stella Marcia Morais Santiago – Examinadora 1

Prof^ª. Ms. Belijane Marques Feitosa – Examinadora - 2

A Deus, por ter me dado o dom da vida, a certeza do caminho certo quando escolhi ser educadora, e por está sempre do meu lado. Independente de qualquer momento, sua presença, era constante em minha vida...

Ao Pai do céu, consagro essa vitória tão sonhada, já que durante todo o percurso acadêmico me propôs forças e coragem para suportar todos os obstáculos encontrados durante a minha graduação, esses que indiretamente imploravam o meu sucesso.

A sua presença, era percebida firmemente em cada passo difícil que dava me erguia em cada barreira encontrada, me guiando ao rumo de mais uma vitória, essa que me fez acreditar mais uma vez que nada é difícil aos olhos do Pai.

A José Marques Lopes Junior, namorado, noivo e hoje esposo. Durante esses três momentos lindos da nossa vida juntos, além de ter me proporcionado a experimentar a essência verdadeira do amor, esteve do meu lado durante toda minha formação. Conseguiu com sua oratória simples, me fazer confiar, que por trás das dificuldades, encontraria a tão sonhada realização profissional.

COM AMOR, DEDICO!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder coragem e perseverança para conseguir realizar mais um sonho.

A minha mãe, Maria Valdenoura Mendes Dias, pela sua presença em momentos muito difíceis quando criança. O seu carinho e sua dedicação foram suficientes para me fazer lutar pelos meus ideais e, por isso, não poderia esquecer de agradecer-lá pela conquista do meu primeiro emprego, como professora, pois foi através dele que conheci minha área de atuação e consegui investir financeiramente na minha formação profissional.

Ao meu avô, Antônio Pereira Dias (*inmemorian*), por ter contribuído com os seus ensinamentos na minha educação e sua preocupação diariamente com o trajeto que fazia para chegar à faculdade.

As minhas irmãs pedagogas, Carla Maria e Carliene Mendes. Através delas conheci o prazer do envolvimento desde cedo no mundo da educação. Aos demais irmãos, Edson Carlos e Cátia Larisse, por me concederem tantos momentos alegres. Em especial, para Carolline Mendes, que considero como minha estrela guia, pois o seu exemplo de vida me fortalece em cada obstáculo, fazendo-me acreditar que, por mais difícil que seja a batalha, nada é impossível quando temos Deus na nossa vida.

Aos meus sobrinhos, Maria Rita e Emanuel Victor, que serviram de “colaboradores” para que eu desenvolvesse com eles algumas teorias apreendidas no curso de formação.

Aos meus Professores do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, por me possibilitarem novos conhecimentos e, em especial, a minha querida orientadora, Débia Suênia pelo incentivo e a dedicação que teve comigo em todo momento da realização textual da monografia.

As minhas amigas Adriana Sarmiento, Claudia Pinheiro, Francineide Alves, Fernanda Dayse e Marciana Andrade meus sinceros agradecimentos por tantos momentos de estudo compartilhados, pela amizade fortalecida ao longo dos anos e por contribuírem pelo enriquecimento da minha formação acadêmica. Uma amizade linda que começou no Curso de Pedagogia e se estenderá por toda vida.

E para finalizar, a todos aqueles que de alguma forma estiveram acompanhando meus passos neste caminho trilhado, cheios de surpresas, superações e de conquistas.

Enfim, obrigado a todos pela concretização deste sonho, fazendo minha vida se tornar cada vez mais significativa.

A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida.

John Dewey

RESUMO

O trabalho **As práticas avaliativas e suas implicações para o desenvolvimento cognitivo do educando** tem o propósito de conhecer as práticas avaliativas do educador do 4ºAno e as contribuições que a mesma tem para fortalecer o processo de ensino-aprendizagem. Com esta linha de pensamento, a pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Mendes, localizada na cidade de Nazarezinho - PB e teve como sujeitos participativos, o professor e os seus alunos do 4ºAno. O objetivo central da pesquisa é meditar durante as práticas avaliativas do professor os motivos que levaram os alunos do Ensino Fundamental a não desenvolverem suas aptidões cognitivas. A abordagem metodológica utilizada na pesquisa foi a quanti-qualitativa. Trata-se de uma pesquisa de campo, destacando o estudo de caso e a pesquisa exploratória. Utilizou-se como instrumentos de coleta de dados o questionário e a observação. A coleta de dados foi enriquecida teoricamente com a concepção de alguns autores, como por exemplo: Jussara Hoffmann (2009), Pedro Demo (2005), Maria Tereza Esteban (2010) e entre outros. A partir do estudo sobre a avaliação percebe-se com os resultados obtidos que ela ainda nos dias atuais vem sendo realizada de forma limitada e não atende as dificuldades dos alunos. Enfim, cabe aos professores considerar a avaliação como ferramenta importantíssima para os auxiliar no ensino. A avaliação tem como função formar o aluno para a vida e não levá-lo ao fracasso escolar.

Palavras-chave: Professor. Avaliação. Aluno.

ABSTRACT

The work, **evaluation practices and their implications for the learner's cognitive development have the purpose of knowing the educator's** evaluation practices of the 4th year and the contributions that the same has to strengthen the teaching-learning process. With this line of thinking, the research was developed at the Fundamental Teaching State School Manoel Mendes, located in Nazarezinho City - PB and had as participating subjects, the teacher and his students from the 4th year. The central objective of the research is to meditate during the teacher's evaluation practices, the reasons that took the students of the Fundamental Teaching not to develop their cognitive skills. The methodological approach used in the research was quantitative and qualitative. This is a field research, highlighting the case study and exploratory research. It was used as instruments of data collection questionnaire and observation. The data collection was enriched theoretically with the design of some authors, such as: Jussara Hoffmann (2009), Pedro Demo (2005), Maria Teresa Esteban (2010) among others. Starting from the study about evaluation, it is noticed with the obtained results, that it still is being held in the current days on a limited way and assist the students' difficulties. Anyway, it is up to teachers to consider the evaluation as very important tool to assist them in teaching. The evaluation has as function to train students for life and not take them to school failure.

Keywords: Teacher. Evaluation. Student.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	13
1.1 FIOS METODOLÓGICOS.....	14
1.1.1 Lócus da pesquisa e os sujeitos.....	15
1.1.2 Instrumentos significativos para a coleta de dados.....	16
1.1.3 Abordagem da análise de dados.....	18
2 DIFERENTES MODELOS DE PRÁTICAS AVALIATIVAS NO ÂMBITO EDUCACIONAL	19
2.1 Um breve discurso sobre o histórico da avaliação educacional no brasil.....	20
2.2 A realidade crítica sobre o processo de avaliação em sala de aula.....	24
2.3 Prova: instrumento de avaliação que julga valores.....	26
2.4 Um novo olhar sobre os diferentes caminhos da avaliação.....	28
3 O PROCESSO AVALIATIVO DO PROFESSOR	30
3.1 A importância da avaliação para uma aprendizagem significativa.....	31
3.2 As práticas avaliativas vivenciadas na escola.....	32
3.3 Prova: instrumento mais usado para avaliar a aprendizagem dos alunos.....	33
3.4 O objetivo primordial da avaliação.....	35
3.5 Acertos x erros.....	37
3.6 O papel da formação continuada para subsidiar novas práticas avaliativas.....	38
3.7 A participação da gestão na prática avaliativa do professor.....	40
4 O OLHAR DISCENTE SOBRE A PRÁTICA AVALIATIVA	42
4.1 Participação dos alunos em seus relatos sobre o processo de avaliação.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICES	52

INTRODUÇÃO

Muito se tem dialogado e escutado nos cursos de licenciatura em Pedagogia sobre as diferentes práticas avaliativas que os docentes proporcionam aos alunos para aprová-los ou reprová-los durante todo o processo de ensino-aprendizagem. Diante dessa perspectiva, é necessário compreender a contribuição que a mesma tem, para o desenvolvimento cognitivo do educando.

Deste modo, as práticas avaliativas no âmbito educacional contribuem bastante na formação pessoal e social de cada criança, pois, como se sabe esses pequenos seres chegam a escola providos de inteligência que devem ser estimuladas pelo professor em sala de aula.

Assim, avaliação significa dizer que são as inúmeras possibilidades que o educador tem para avaliar a capacidade cognitiva dos seus alunos, oferecendo-lhes de maneira igualitária, chances de alargar suas capacidades múltiplas. Porém, apesar da avaliação ser um fator bastante discutido nas rodas de conversas dos profissionais de educação, muitos professores ainda optam para a mais fácil e que ultrapassa de geração para geração, denominada classificatória, essa que em alguns momentos não ajuda no desenvolvimento do aluno, pois muitas vezes rotula e ao mesmo tempo puni os discentes, os impedindo de progredir nos estudos.

Diante dessa constatação e com a minha participação em um programa do Instituto Airton Sena, denominado **Se Liga**¹, no qual lecionei dois consecutivos anos, quando trabalhei com um grupo de crianças que tinham dificuldade de aprender, eram estudantes totalmente “rotulados” pela escola, pois para os membros escolares esses sujeitos eram incapazes devido à reprovação contínua durante anos, senti a necessidade de rever a minha prática pedagógica. Assim, com a capacitação que tive para ensinar, conheci inúmeros caminhos para chegar a ter a aprendizagem, inclusive várias formas de observar, analisar e registra o desenvolvimento do aluno.

Aprendi que para avaliar o aluno é preciso de tempos diferenciados, pois cada um deles apresenta um momento individual de aprendizagem. Foi então que com o resultado que tive desses alunos aprendendo e sendo aprovados que busquei conhecer melhor o caminho da avaliação. E a vontade de pesquisar o tema avaliação se concretizou mais ainda durante meu estágio na sala do 4º Ano do Ensino Fundamental.

¹ Está relacionado a um programa de correção de fluxo para crianças com dificuldade na aprendizagem. É um programa Federal com parceria no instituto Airton Sena.

Busquei alguns autores como Jussara Hoffmann (2009), Pedro Demo (2002), Clóvis Roberto dos Santos (2005) e Maria Tereza Esteban (2008) para fundamentar teoricamente o meu trabalho acadêmico, buscando com os embasamentos teóricos, ampliar o meu conhecimento sobre a avaliação educacional, como a mesma é vista na escola onde desenvolvi a pesquisa de campo, sua significância para a natureza do conhecimento do próprio professor e como também a solução que o mesmo busca para diminuir os problemas que dificultam a aprendizagem.

Certo é que as práticas avaliativas no âmbito educacional contribuem bastante na formação pessoal e social de cada criança, porém é conveniente o educador ser consciente da importância da democracia na avaliação, pois o que ainda se vê em salas de aula são muitos professores que não aceitam os alunos a compartilhar com suas idéias durante o processo de ensino-aprendizagem. Estimular os alunos a participarem oralmente das atividades é fundamental para eles reconhecerem a relação afetiva entre avaliador e avaliado. Assim as crianças desenvolveram não só novos saberes, mas também a afetividade, a autonomia e o crescimento de cada um.

As modificações em avaliação têm ocorrido minuciosamente, segundo Hoffmann (2009), nos dias atuais refletem sobre inúmeros pequeninos, cada vez mais tendo dificuldades na aprendizagem, algo que acontece devido ao papel elitista e tradicional que a escola possui, pois ainda não deram conta que é preciso mudar esse perfil, para oportunizar a todos o direito de aprender.

A mudança que se espera deve começar primeiro pelos professores, que não estão ainda preparados para reconstruir suas práticas pedagógicas, pois no ato de avaliar o desempenho dos educando usufrui apenas de regras que a escola estabelece, como por exemplo: através de notas, testes e tarefas que determina o número que o aluno tirou na execução de suas atividades. Assim Hoffmann (2009, p.49) ressalva que:

[...] Os números não explicam nada. Posicionam os alunos em uma escala de valor, sem esclarecer o sentido dessa posição. Pode-se atribuir qualquer nota a qualquer tarefa. Aí reside a arbitrariedade do sistema. Para que essa nota venha a ter um significado, ela deverá ser explicada por meio de critérios (portanto, por palavras, comentários, justificativas do professor)[...].

Isso significa dizer, que quando o docente realiza uma atividade, alguns alunos neste momento se destacam mais do que os outros, recebendo pelo seu desenvolvimento notas diferentes. Com essa atitude o educador poderá causar danos na aprendizagem daqueles

alunos que não se deram bem. Ou seja, ele pode reprová-los e a partir dessa reprovação surge à agressão ao aluno. Neste caso seria mais proveitoso o professor refletir sobre os motivos que levaram aquelas crianças a não terem êxito nas atividades, buscando novos caminhos para que eles também pudessem tirar boas notas.

A sala de aula é caracterizada por uma grande diversidade de alunos, cada qual com um tempo certo para aprender. Acompanhar individualmente a evolução dos educando parece ser uma tarefa muito difícil para eles, pois na maioria das vezes os professores não possuem conhecimentos sobre o modo de vida de cada criança, não possuem práticas reflexivas e nem tão pouco conhecem a vitalidade intelectual da sua própria sala de aula.

De acordo com essa análise, Demo (2002, p.46) diz que “em termos realistas, pretendemos que as crianças aprendam a ler, escrever e contar, sobretudo, a saber, pensar, para poderem intervir criticamente na realidade, o que significa conquistar seu espaço e lutar contra usurpação”.

Enfim, existe uma desigualdade social nas escolas, lugar onde nem todos têm o mesmo direito de aprender devido suas diferenças sociais, e de ser estimulado de acordo com suas habilidades cognitivas para que de tal modo se torne também um ser crítico e capaz de vencer nos estudos para se tornar no futuro um ser provido de saberes e importante para a sociedade.

Se nos dias atuais se fala tanto em transformações nas práticas educativas por que os professores permanecem com suas limitadas práticas avaliativas, impossibilitando os aprendizes o desenvolvimento cognitivo e emocional durante o processo de aprendizagem?

Com essa problemática, busquei adquirir informações sobre as diversas técnicas avaliativas que o docente usa durante o processo de ensino-aprendizagem e a importância que os mesmos têm para o desenvolvimento crítico dos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Mendes, da cidade de Nazareinho - PB.

Assim, o trabalho monográfico tem como objetivo central analisar durante as práticas avaliativas do professor os motivos que levaram os alunos do 4º Ano do Ensino Fundamental a não desenvolverem suas aptidões cognitivas. Deste modo articulado com o objetivo geral, foram delineados os seguintes objetivos específicos: Avaliar o processo de avaliação na sala de aula; Observar se as práticas avaliativas utilizadas pelo professor estão contribuindo para a aprendizagem dos educandos/as e investigar o desenvolvimento cognitivo do educando. Os objetivos citados dão coerência ao que pretendo indagar na pesquisa de campo.

No decorrer do trabalho apresento quatro importantes capítulos que descrevem as contribuições das práticas avaliativas para o desenvolvimento cognitivo do educando.

No primeiro capítulo relato o processo metodológico para mostrar ao leitor como ocorreu o percurso metodológico do trabalho científico, abordando os sujeitos da pesquisa e o local que a mesma foi realizada. Menciono os instrumentos utilizados para a análise de dados, a saber: a observação e a intervenção no qual os dois momentos ocorreram durante a realização do estágio na sala do 4ºAno e os questionários elaborados tanto para o docente como para os discentes.

Dando continuidade, o segundo capítulo, descrevo de forma sucinta o histórico da avaliação. Desde tempos remotos até os dias atuais, quando ela passou a ser vista como “chave” do desencadeamento para a aprendizagem de forma igualitária.

No terceiro capítulo mostro um estudo analítico através dos dados coletados durante a observação, o estágio e os questionários. Ambos tiveram a finalidade de analisar o conhecimento que a professora pesquisada tem sobre avaliação e como ela desenvolve suas práticas avaliativas. Apresento, ainda, um gráfico mostrando a opção de instrumento de avaliação que a docente usa com mais frequência e também a sua escolha do objetivo central da avaliação.

Por fim, o quarto capítulo, no qual se fez através das respostas dos/das educando/as uma reflexão do conhecimento deles/as sobre a avaliação e como a mesma ocorre em sala de aula. Destaco que este procedimento pode contribuir na aprendizagem dos educando/as, como também prejudicá-los/as. O capítulo é enriquecido com um gráfico no qual mostra o instrumento a opção escolhida pelos alunos sobre o instrumento mais utilizado pela professora para o processo da aprendizagem e sua significância para uma aprendizagem de qualidade.

Coloco adiante às considerações finais, a conclusão do trabalho, tendo em destaque a reflexão da necessidade de levar para sala de aula novas formas de avaliação para que elas possibilitem ao educando a vontade de aprender e prosseguir nos estudos, independente de suas individualidades.

CAPÍTULO I

1-PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O referente capítulo abordará o processo metodológico escolhido para melhor atender os objetivos propostos da pesquisa, visando compreender o conhecimento dos participantes da pesquisa e o local onde ela foi executada. Deste modo apresento três importantes instrumentos de dados para o desenvolvimento da pesquisa: a observação, a intervenção e os formulários. A partir da junção desses elementos, foi possível analisar a postura educacional avaliativa da professora e o entendimento que os alunos têm em relação a compreensão do processo avaliativo em sala de aula.

1.1 Fios metodológicos

A metodologia funda-se na necessidade de compreender melhor as práticas avaliativas no processo de ensino-aprendizagem, pois no panorama educacional ela se atualiza de várias formas, tal como uma avaliação construtiva, que valoriza o pensamento crítico do educando, superando assim o modo autoritarismo e a desvalorização da autonomia do educando. Essa nova forma de avaliar o aluno propõem um ensino democrático.

Deste modo, para conhecer a concepção que o docente possui sobre a avaliação e identificar como a mesma a usufrui em sala de aula na aprendizagem cognitiva do educando foi preciso desenvolver uma pesquisa em um panorama de diferentes sujeitos.

Quando se fala em desenvolver uma pesquisa para obter dados, surgem vários conceitos.

Segundo Matos (2002, p.23) a pesquisa é definida assim:

A pesquisa é a atividade principal da ciência que nos permite a aproximação e o entendimento da realidade que investigamos e, além disso, nos fornece elementos para nos possibilitar nossa intervenção no real. Assim pesquisar não apresenta apenas refletir e entender os fenômenos

A pesquisa possibilita ao pesquisador ampliar seu conhecimento sobre o objeto estudado e produzir algo novo para contribuir aos seus leitores uma nova visão sobre o que foi estudado.

Nesta perspectiva em um panorama de diferentes tipos de pesquisa, escolhi a pesquisa de campo, a nível exploratório, mas com viés em estudo de caso.

Desse modo, Gonsalves (2001, p. 67) afirma que: “[...] A pesquisa de campo é aquela que exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir a o espaço onde o fenômeno ocorre- ou- ocorreu- e reunir um conjunto de informações a serem documentadas. [...]”.

A pesquisa de campo permite ao pesquisador um conhecimento mais amplo sobre o local e os sujeitos participantes dela, pois em contato direto entre pesquisador e sujeitos é possível extrair mais informações a respeito do que se deseja investigar.

Outro tipo de pesquisa que nos auxiliou na coleta de dados foi o estudo de caso, que consiste ao pesquisador limitar sua área de pesquisa, ou seja, o investigador analisa um único caso. Assim, Gonsalves (2001, p.67) diz que:

Estudo de casos é o tipo de pesquisa que privilegia um caso particular, uma unidade significativa, considerada suficiente para análise de um fenômeno. É importante destacar que, no geral, o estudo de caso, ao realizar um exame minucioso de uma experiência, objetiva colaborar na tomada de decisões sobre o problema estudado, indicando as possibilidades para sua modificação.

Neste sentido, o estudo de caso possibilita ao pesquisador um olhar mais minucioso em relação ao problema em estudo, para a partir de então compreender a dificuldade encontrada e através dela buscar alternativas que supra ou minimize o resultado encontrado.

Por último a pesquisa exploratória, que de acordo com Gonçalves (2001, p.65). “[...] oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema [em pesquisa] [...]”. Isto é, o pesquisador com seu instrumento de pesquisa exploram os sujeitos buscando novas idéias em relação ao que está sendo investigado.

Vale salientar que estes tipos de pesquisas, foram fundamentais para nortear a investigação sobre as práticas avaliativas e suas peculiaridades. Alcançando assim, uma interpretação significativa sobre a temática em estudo.

1.1.1 Lócus de Pesquisa e os Sujeitos

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Educação Fundamental Manoel Mendes, a mesma está localizada na Rua João Luiz, s/n, na cidade de Nazarezinho, Estado da Paraíba. O seu turno de funcionamento começa no período da manhã, no qual o ensino é voltado para os primeiro e segundo anos que tem no total de cento e vinte sete alunos e durante à tarde para os alunos que estão matriculados no terceiro e quarto ano do ensino fundamental, equivalente a tinta e três alunos.

Em relação, aos docentes, a escola comporta uma quantidade total de professores equivalente a dez. Dentre eles, oito trabalham no período matutino e dois á tarde. As situações funcionais desses profissionais se fundamentam em seis contratados pelo Estado e quatro são efetivos. Ainda dando continuidade a pergunta referente ao professor pôde coletar dados a respeito da escolaridade deles, no qual, foi constatado que um deles tem apenas o pedagógico, três estão cursando Pedagogia e os outros têm ensino superior completo também em Pedagogia. A idade desses profissionais de educação varia de vinte seis anos a cinquenta e oito.

A pesquisa foi realizada em uma sala de 4º ano da citada escola. Com uma amostragem equivalente ao total de nove alunos, sendo cinco meninos e quatro meninas com

idade entre 10 a 14 anos. E uma professora com idade de cinquenta e oito anos de idade. Na sala de aula, as carteiras eram organizadas em filas.

As práticas avaliativas vivenciadas do professor durante o momento da coleta de dados ficou notório que era meramente técnico, limitadas apenas a uma avaliação classificatória. Ou seja, a prova era bastante presente e os alunos se preocupavam muito com os resultados, pois eles representavam sempre números baixos que servindo de ameaça para os alunos ficarem quietos para receber as informações do professor.

1.1.2 Instrumentos significativos para coleta de dados

Sobre a ótica de ensino da professora, os instrumentos que utilizei para o desenvolvimento da pesquisa sobre avaliação foram úteis para chegar a dados qualitativos que evidenciaram a realidade dos resultados obtidos. Foram eles:

✓ A observação

A observação foi um instrumento importante e muito utilizado para a coleta de dados. Ela foi desenvolvida no ano de 2011, durante o primeiro momento do Estágio Supervisionado nas Primeiras Séries do Ensino Fundamental. Foi através dela que ocorreu o primeiro contato com o local da pesquisa e os sujeitos pesquisados.

Segundo Matos (2002, p. 58) afirma que: “a observação é uma técnica muito utilizada, principalmente, porque pode ser associada a outros procedimentos [...]. Para ser considerado eficaz para a pesquisa científica, temos que observar o que é essencial e fazer registro. [...]” É de extrema importância valorizar, a observação, pois é durante esse período prazeroso que surge a oportunidade do pesquisador conhecer um pouco sobre o seu lócus de pesquisa. No qual através dessa observação, registra dados a fim de compreender como ocorre a avaliação durante o processo de ensino-aprendizagem.

É durante esse momento de observação que o pesquisador extrai, através de sua linguagem visual, fontes necessárias para fortalecer os seus escritos sobre o procedimento da avaliação, como a professora pesquisada a usa para oferecer o seu ensino e se o mesmo oferece bons resultados. Assim, Pimenta (2004, p.35) enfatiza que:

[...] neste processo, escolhe, separam aquilo que consideram adequados, acrescentam novos modos, adaptando-se aos contextos nos quais se

encontram. Para isso, lançam mão de suas experiências e dos saberes que adquiriram.

Diante da concepção da autora, é fundamental o pesquisador antes de começar a fazer a pesquisa selecionar todas as informações importantes que foram coletadas para depois articulá-las com o embasamento teórico e assim fazer sua crítica sobre as informações adquiridas.

✓ **Diário de campo**

Foi um instrumento utilizado no momento do estágio e que serviu de base para a analisarmos os dados, pois nele estão escritas informações importantes sobre os sujeitos da pesquisa, já que a amostragem é a mesma do estágio.

Assim, o diário de campo, é um registro de tudo que considera-se importante durante o momento de observação, como para o estágio

Fundamentado nesta concepção Weber, (2009, p.157), define o diário de campo como:

[...] um instrumento que o pesquisador se dedica a produzir dia após dia ao longo de toda a experiência etnográfica. É uma técnica que tem por base o exercício da observação direta dos comportamentos culturais de um grupo social [...].

Assim, compreende-se o diário de campo como ferramenta indispensável para o pesquisador, pois é nele que estão escritas as vivências durante o estágio, tais como a construção de conhecimentos dos discentes e as práticas avaliativas exercidas pela professora. Servido de auxílio para analisar os dados obtidos na pesquisa.

✓ **Os Questionários**

Como instrumento utilizado na pesquisa, os questionários foram utilizados para o processo de investigação no qual os sujeitos da pesquisa responderam em 2011 com suas próprias palavras seus conhecimentos sobre a avaliação e como ela é realizada na sala para avaliar o aluno.

Porém as perguntas eram diferenciadas. Para os alunos foram feitas alternativas simples, já que alguns alunos tinham dificuldades extremas na leitura e na escrita, facilitando deste modo a participação deles, que tiveram grande relevância nos resultados. E para o docente, o questionário foi elaborado, através das suas práticas avaliativas presenciadas durante a observação, porém vale salientar que suas concepções, na maioria delas não se enquadraram a realidade vivenciada. Ou seja, ela apresentou nos seus escritos, concepções bem elaboradas e conceituadas que estavam sempre em contradição devido a sua realidade ao avaliar o seu alunado.

1.1.3 Abordagem da análise dos dados

Através da realização dos questionários, surgiram entrelaçados neles, dois tipos de pesquisa. A primeira denomina-se, a Pesquisa Quantitativa, que segundo Matos (2002, p.68) “remeteu para uma explanação das causas, por meio de medidas objetivas, testando hipóteses, utilizando-se basicamente da estatística”. Ou seja, esse tipo de pesquisa possibilita ao investigador apurar ideias e comportamentos explícitos dos sujeitos que estão sendo pesquisado para depois fornecer opiniões que podem ser confrontadas. O outro modelo de pesquisa é a pesquisa qualitativa, sobre a qual o autor Matos (2002, p.68) afirma “Por sua vez, a pesquisa qualitativa preocupou-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, consistindo o significado que os outros dão a sua prática, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica”. Assim a pesquisa qualitativa por ter um caráter exploratório instiga os participantes da pesquisa a apresentar suas ideias sobre o tema de estudo para depois serem analisados.

CAPÍTULO II

2-DIFERENTES MODELOS DE PRÁTICAS AVALIATIVAS NO ÂMBITO EDUCACIONAL

O referente capítulo contém informações a respeito da origem da avaliação desde os tempos antigos até os dias atuais. Apresenta também a prova como instrumento líder, pela qual o professor a escolhe em repetidas vezes para promover ou punir o seu alunado. Por fim, esta parte do trabalho reflete um novo olhar sobre os pontos negativos da avaliação classificatória para avaliar como forma de contribuir e ajudar o aluno no desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, feita a partir dos novos modelos avaliação, que foram originados a partir do fracasso escolar que ainda predomina em muitas salas de aula. As dificuldades são extremas na aprendizagem devido a falta de conhecimento do professor sobre outras possibilidades de reconhecer o aluno como um ser capaz de aprender.

2.1 Um breve discurso sobre o histórico da avaliação educacional no Brasil

Devido ao índice de evasão e repetência apresentado nas escolas públicas do Brasil, a avaliação, desde os tempos mais remotos até os dias atuais tem passado ao longo desses anos por diferentes transformações. Mudanças que muitas vezes não surtiram efeitos na aprendizagem, mas eram sempre reelaboradas e hoje em algumas vezes são renovadas com objetivo de cumprir acordos internacionais, ou seja, o Brasil por muitos anos emitia dados estatísticos, para provar aos países internacionais que o índice de aprovados na rede pública estava crescendo e conseqüentemente estava sobre controle, o fracasso escolar.

Assim, baseado nas concepções de Franco (1993), a forma de avaliar contribui bastante no desenvolvimento cognitivo do aluno, porém cabe o educador usufruí-la de maneira construtiva, sem usa-la como método de punir aqueles pequeninos que não saíram bem nas provas.

A avaliação, trazendo para o presente, precisa ser vista como recurso norteador da aprendizagem e não para frustrar os alunos através dos números baixos que tiraram pela “incapacidade” de aprendizagem. Porém o educador nos dias atuais precisa conhecer e compreender os diversos instrumentos de avaliação e suas significâncias. Segundo a autora significa dizer que, “é preciso saber identificar em que matriz epistemológica foi inspirado esse ou aquele modelo, para que se complete o real entendimento acerca de cada um deles”. Portanto, é necessário conhecer primeiro como surgiram os modelos de avaliação para depois refleti-los e por fim escolher o tipo que mais condiz com a necessidade que os alunos precisam para aprender.

Todavia é essencial, o professor fazer uma retrospectiva no percurso histórico da avaliação, para fundamentar melhor as suas práticas avaliativas. É preciso saber a priori, que ela foi descoberta primeiramente, através da psicologia da educação, quando estava ganhando qualidade de ciência. Neste momento, a psicologia estava sendo desmembrada da Filosofia, já que defendia que a observação, a verificação e a experimentação eram vistas como elementos indispensáveis para a elaboração de princípios, leis e teorias. Para a Psicologia da Educação, era fundamental estudar as mudanças comportamentais que eram analisadas de forma contínua, através da observação.

Assim, Franco (1993, p.17), assevera:

Por trás dessa prática, nos laboratórios e nos institutos de psicologia, instalavam-se os grandes marcos teóricos do individualismo/liberalismo (ao supor igualdade natural entre os seres humanos), do “cientificismo” (ao supor experimentação, quantificação, neutralidade, objetividade) e da planificação (ao supor controle, manipulação e previsão, em que o que se colocava como útil era saber para prever).

Nesta mesma perspectiva, o ser humano deve ser visto no contexto social de forma igualitária. A partir do conhecimento sobre seus comportamentos, é possível elaborar estratégias para fazer com que ele aprenda sem perder suas características próprias.

Na busca de surtir efeitos positivos na sua linha de pensamento, a psicologia educacional propôs a precisão de coletar dados coerentes a cada indivíduo. Assim surgiu a necessidade de conhecer vários instrumentos para coleta de dados, de modo que fosse possível obter resultados significativos em cima dos comportamentos humanos. Para os estudiosos da época, a pesquisa descritiva era deixada de lado, o que era considerado mesmo era a ligação entre as variáveis dos sujeitos.

Através desse método da Psicologia, na década de 70, os professores passaram a enxergar um novo caminho para a avaliação escolar, pois essa ciência trazia uma visão mais ampla sobre como compreender o desenvolvimento humano. Assim a avaliação nas escolas passou a ser um componente construtivo. Começava um novo modelo de ensino, os professores passaram a valorizar os testes, as atividades que oferecessem respostas de múltiplas escolhas e as provas, elementos de avaliação capazes de fazer o aluno a pensar da sua forma, sem limitar-se em respostas transmitidas anteriormente pelo seu professor.

Desse modo, com essa nova estratégia de avaliação, os professores tiveram que enfrentar o sistema educacional da época, “quando propuseram rapidamente a seleção do “bom professor”, ou seja, só lecionavam nas escolas aqueles professores que de maneira julgada, era considerado um profissional competente. Esses sim eram considerados aptos para ensinar.

Desde então, surgiram capacitações para os professores efetivos estarem sempre modificando suas práticas avaliativas, do mesmo modo, de acordo com Franco (1993, p.19), “sobre a égide do positivismo, do racionalismo e do funcionalismo, o critério de competência do professor deslocou-se do ‘saber fazer’ no concreto para o ‘saber planejar o que fazer’ no papel”. Enfim, o lecionador tinha que construir suas práticas através da realidade de sua sala

de aula para possibilitar o aluno a pensar e diminuir o fracasso escolar tinha como mérito, contribuir para o desenvolvimento de todos.

Os modelos epistemológicos acima citados, considerados também subjetivismo ou idealistas, não foram suficientemente aptos para desencadear a realidade educacional, pois se tratava de um conhecimento que não podia ser questionado. Cada ser possuía o seu. Por tanto, na sala de aula, o dono do conhecimento tinha que ser somente o sujeito (o professor), possuidor da realidade. Diante dessa afirmação, Steban (2008, p.20) ressalva por que: “A avaliação remete a uma ação da professora sobre os alunos e alunas, muitas vezes vista como uma relação de poder”. Portanto o que realmente é ofertado nas escolas públicas é um modelo de ensino tradicional, na qual impossibilita a troca de conhecimento entre os alunos e professor, assim não estimulava o desenvolvimento cognitivo dos seus alunos.

Em decorrência disso, surgiram em volta dos testes padronizados, várias críticas em relação à falta de valorização do desenvolvimento individual, gerando a valorização da autoavaliação, para que refletissem sobre a importância de uma aprendizagem significativa. Era através dessa proposta, que o professor através de questões abertas fazia o aluno construir seu próprio pensamento, ao invés de submeter-se a respostas prontas e acabadas.

Nesta mesma linha de pensamento, Demo (2004, p.22), ressalta por que:

[...] os alunos precisam constantemente fazer textos próprios, cada vez mais próprios. O professor pode trazer ideias pertinentes para o aluno através das aulas, mais isto ainda não é aprendizagem. Para que tais ideias cheguem aos alunos, principalmente se tornem dos alunos, devem passar pelo processo autoiético de elaboração própria [...].

É, pois, através da construção do seu próprio conhecimento, que o aluno adquire o hábito de aprender.

Até agora muitas mudanças foram vistas no campo educacional, mas infelizmente trazendo para o contexto atual, poucas surtiram efeitos, pois nos dias de hoje, o que se nota ainda nas escolas de rede pública, é a precariedade na aprendizagem. Isso devido a falta de preparação do professor durante o seu processo de avaliação. Esses educadores não buscam conhecer os novos instrumentos de avaliação e qual o melhor para avaliar o desenvolvimento cognitivo dos educando durante uma determinada atividade exposta pelo professor.

Entretanto, diante dessa concepção, infelizmente a construção do conhecimento não está sendo benéfico á todos, pois existem ainda fatores que prejudicam a aprendizagem e um deles tem sido a forma de avaliar a capacidade intelectual do aluno.

Falar em avaliação significa analisar como os alunos estão crescendo mentalmente. Essa verificação de aprendizagem é feita através dos instrumentos de avaliação que os educadores oferecem aos alunos durante suas ações pedagógicas para saber o grau de aprendizagem de cada um. Porém é fundamental o educador aprimorar seus instrumentos avaliativos, para que não cometa nenhum tipo de julgamento que venha excluir ou marginalizar alguns alunos da sociedade do conhecimento.

Deste modo, para nortear os caminhos certos da aprendizagem na sala de aula; é necessário o educador conhecer outras modalidades de avaliação e articulá-las nas suas práticas, pois a avaliação está presente na sala de aula, fazendo parte do costume escolar, por isso é responsabilidade do professor aperfeiçoar seus métodos avaliativos.

Portanto é de extrema importância ressaltar a necessidade do profissional da educação, obter outras ações avaliativas para poder chegar à melhores resultados no processo de ensino-aprendizagem, tanto na sua prática, na qual deve também ser refletida por ele mesmo, como também no crescimento intelectual do aluno.

Assim é fundamental, durante a avaliação, escolher os mecanismos coerentes para não chegar a consequências fatais, como por exemplo, a reprovação do aluno.

Enfim, avaliar o rendimento escolar do alunado significa buscar as técnicas certas, para que a partir de então ocorra o desenvolvimento cognitivo do aluno. Porém alguns professores, na maioria das vezes, optam apenas pela avaliação classificatória, com o intuito de facilitar o acompanhamento da aprendizagem dos aprendizes. Embora seja um instrumento avaliativo, caracterizado por testes, não é suficiente para perceber a evolução dos educando durante todo o ano letivo, pois, esses registros burocráticos podem rotular o aluno e de acordo com suas notas pode gera uma insatisfação pessoal, por considera-se um ser incapaz de aprender como os outros colegas aprenderam.

Focada nessa perspectiva, Hoffmann (2009, p.37), complementa dizendo:

Práticas avaliativas autoritárias são minas espalhadas por nossas escolas. Detonam a toda hora e mutilam o desejo de aprender de criança e jovens.

Despertam sentimentos de opressão, de insegurança. De injustiça, de exclusão pelas sentenças de fracasso escolar. Não é esse o sentido da avaliação.

Perante a reflexão da autora, é preciso o professor ter uma nova visão sobre o modo de avaliar os seus alunos, pois o que mais se vê em sala de aula, são práticas avaliativas totalmente ultrapassadas no qual o professor que se acha “o dono do saber” não permite o aluno a participar da aula com suas idéias. Sendo assim as crianças perdem o desejo de aprender.

A aprendizagem deve acontecer de forma espontânea e o professor reconhecer a necessidade de valorizar a diversidade em sala de aula e as diferenças de cada aluno, pois cada qual aprende em tempos diferentes. Só desta maneira será possível acabar de uma vez com a concepção de que nem todos conseguem ter o mesmo êxito na aprendizagem.

Desta maneira, a avaliação não deve ser caracterizada, como algo punitivo, mais sim, um critério capaz de diagnosticar, a realidade que ocasionou as dificuldades encontradas durante o processo de ensino-aprendizagem. Indubitavelmente ao avaliar o aluno o professor perceberá que a avaliação de forma burocrática, na qual o sistema de ensino estabelece, não contribui nas respostas, no qual ele precisa para saber identificar os fatores que induziram os alunos a não avançarem nos seus aspectos cognitivos.

Nesta linha de pensamento, Hoffmann (2009, p.40) relata que “são os adultos e não as crianças e jovens que estão presos aos processos uniformizadores que temem o diferente”. Para a autora é fundamental o professor não se prender ao regime que a escola institui, pois a maioria deles não condiz com a realidade encontrada na sua sala de aula. Portanto através das dificuldades, é possível estabelecer um novo padrão de ensino, a fim de oferecer uma aprendizagem significativa.

2.2 A realidade crítica sobre o processo de avaliação em sala de aula

Para discorrer sobre o processo de avaliação, é fundamental conceituar primeiramente a sala de aula, lugar este, que acontece especificamente o processo de ensino-aprendizagem. A sala de aula deveria ser um espaço de múltiplas aprendizagens, onde o professor teria o desempenho de mediar conhecimentos para a progressão intelectual dos seus discentes. No entanto, a realidade desse ambiente é outra. Caracteriza-se como um ambiente vago, homogêneo e na maioria das vezes, desprovido de construção de saberes, pois a

aprendizagem não acontece para todos. Algumas crianças são vistas como seres marginalizados e incapazes de aprender.

Tal situação acontece devido ao procedimento avaliativo do professor, pois ele usufrui na maior parte das vezes, a nota, para aprovação ou reprovação dos seus alunos. Avaliar, um recurso tão precioso não deve se limitar métodos para punir, jogar ou rotular o estudante. Deve ir muito mais além dessa perspectiva. É algo que deve surtir efeitos qualitativos tanto no ensino como na aprendizagem. Precisa ser usada como instrumento responsável para acompanhar todo desenvolvimento dos alunos, buscando sempre a renovação das práticas educacionais, tentando combater o fracasso na aprendizagem.

Os profissionais de educação, principalmente os que lecionam, na maioria das ocasiões tem tido uma opinião única e formada sobre o sistema de avaliação. Para eles, facilitar o acompanhamento dos seus alunos é optar pela avaliação classificatória.

Ainda nesta mesma linha de pensamento, Esteban (2008, p.15) ressalta: “A avaliação classificatória configura-se com as ideias de mérito, julgamento, punição e recompensa, exigindo o distanciamento entre os sujeitos que se entrelaçam nas práticas escolares cotidianas”.

Esse tipo de avaliação é verificado através de um ensino meramente técnico. O professor, que se diz o “dono do saber”, transmite conhecimentos e os alunos são obrigados a captar. Logo depois, o desenvolvimento dos alunos será avaliado através de exames. O docente analisa o desenvolvimento dos alunos no mesmo momento. Ou seja, aos alunos serão atribuídos números compatíveis a sua capacidade de memorizar através de exames, os conteúdos transmitidos pelo professor. São atribuídos a todos, números que indicará o grau de aprendizagem. Deste modo, aqueles que obtiveram notas baixas, serão considerados no final do ano letivo incapazes de passar para a série seguinte, podendo trazer enormes prejuízos aos educando; como por exemplo: a exclusão na escola, a falta de confiança em se mesmo, evasão escolar, a falta de vontade de aprender e além de outros.

Em presença desta perspectiva, Esteban (2008, p.17) ainda conclui:

[...] fragmentar os alunos e alunas em partes observáveis, que podem ser quantificadas, medidas, comparadas, classificadas e receber um valor, que é registrado e que informa a posição dos estudantes na hierarquia da sala de aula, da escola e da sociedade.

A autora sugere um olhar crítico para a diversidade encontrada em sala de aula, pois infelizmente o que ocorre na maioria das vezes, devido a falta de outros recursos avaliativos, é a exclusão das crianças que foram reprovadas por não conseguirem atingir a média estabelecida pelo sistema de ensino e assim conseqüentemente serão rotuladas pela sociedade.

Os aprendizes precisam de mais atenção, pois a falta de aprendizagem pode ter sido devido a vários fatores que vem enfrentando ao longo dos anos, dificultando o desenvolvimento cognitivo, e assim não atingindo a média necessária para ser aprovado. Como diz Demo (2004), o educador precisa dedicar o seu tempo a todos os alunos e dar atenção especial e diferenciada de acordo com as necessidades de cada um.

As crianças devem ser tratadas com muito carinho para que não percam o desejo de aprender. A aprendizagem deve ocorrer de forma democrática, para que todos independente de suas diferenças culturais tenham o prazer de aprender.

2.3 Prova: instrumento de avaliação que julga valores

Para diagnosticar o processo de aprendizagem dos educando, é muito conveniente a priori refletir sobre as práticas avaliativas e conhecer outros caminhos para alcançar a aprendizagem. É necessário primeiramente, se adequar a outros instrumentos de avaliação, pois infelizmente, ainda, nos dias atuais, os professores, apesar de participar de tantos discursos sobre a avaliação tanto nos cursos de graduação em pedagogia e em capacitações educacionais, privilegiam ainda para avaliar a aprendizagem, a avaliação oficial, na qual é denominada, prova. Segundo Esteban (2008, p.17), “a prática de avaliação, que pretende medir o conhecimento para classificar os (as) estudantes, apresenta-se como uma dinâmica que isola sujeitos [...]”.

Ainda para a referida autora, a prova é um dos principais motivos que levam a competição entre os alunos, gerando a exclusão daqueles que não conseguiram aprender no mesmo tempo que os outros.

Tal instrumento, acima citado, tem como finalidade detectar se foi possível assimilar os conteúdos do livro didático; mas ainda em algumas disciplinas se torna um método avaliativo crucial e que rotula o aluno através da nota que ele tirou pelo seu desempenho no exame.

Porém a **prova**, instrumento avaliativo mais usado em sala de aula pouquíssimo avalia, não permite ao professor um conhecimento interior dos seus alunos, já que o propósito

dela é fazer o alunado decodificar conteúdos curriculares. A mesma também não estimula o saber pensar e nem tão pouco a autonomia e a emancipação dos alunos.

De acordo com essa consideração, Demo (2004, p.14) conclui: “Aprendizagem é, pois, ‘dinâmica reconstrutiva’, de dentro para fora. Que dizer que o aluno somente aprende se reconstruir conhecimento. Não pode permanecer em escutar, copiar e devolver de modo reprodutivo na prova [...]”.

Como deixa bem claro o autor, a aprendizagem deve acontecer com a participação de vários sujeitos participativos do conhecimento, e não com juízos de valores sobre as crianças. Elas trazem consigo mesma, saberes prévios que poderão ser renovados com outros saberes.

Assim avaliar significa desenvolver estratégias para refletir sobre o processo de ensino, a fim de detectar os motivos que levaram o fracasso de alguns alunos por não assimilarem os conteúdos estudados em sala de aula. Sendo assim o educador tem como novo papel o de facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, o aluno deve ser estimulado a participar com suas ideias da aula para que a partir de sua interação seja possível ampliar os seus saberes, visto como agente ativo do conhecimento se tornará um ser capaz de desenvolver suas inteligências múltiplas.

Para escolher os melhores caminhos da aprendizagem em sala de aula é fundamental o educador conhecer os distintos instrumentos de avaliação que já existem para valorizar a aprendizagem individual de cada aluno.

Segundo Hoffmann (2008), o processo avaliativo não ocorre no imediato conhecimento dos aprendizes sobre os conteúdos expostos pelo professor, pois para a autora a aprendizagem ocorre em momentos diferentes. Os alunos estão em constante evolução, mas em compassos diferentes que se diferenciam por passagens exclusivas de cada um deles.

Como se sabe cada ser tem suas possibilidades em tempos distintos de aprendizagem, por isso cabe o professor oportunizar outras estratégias de ensino, a fim de nortear o ensino e assim garantir com eficiência, aulas de qualidades para que todos possam construir conhecimentos para prosseguir sempre.

Perante essa análise, Hoffman (2009, p.15) afirma:

[...] pensar em cada aprendiz de uma sala de aula, acabando com os anonimatos, valorizando-os como sujeitos de sua própria história, assumindo o compromisso, como educadores, de otimizar tempos e oportunidades de aprender.

Nesta perspectiva, o olhar do educador é visto como a valorização da individualidade, olhando aluno por aluno, apreciando-os como seres capazes de construir sua identidade própria, transformando-os em indivíduos providos de conhecimentos.

2.4 Um novo olhar sobre os diferentes caminhos da avaliação

A avaliação educacional, apesar de sua má fama, hoje é permeada por inúmeras definições e técnicas. Ambas possibilitam o educador acompanhar com êxito o desenvolvimento cognitivo de seus alunos.

Durante a aula é fundamental fazer um julgamento correto, embasado em informações verdadeiras a respeito do grau de aprendizagem de cada aluno. Porém, é essencial o educador buscar conhecer algumas modalidades de avaliação para finalmente compreender melhor o caminho certo da avaliação educacional, a fim de fazer um ajuizamento correto sobre o nível de conhecimento de todos os alunos. Existem inúmeras maneiras de avaliar, e dentre elas podem de destacar algumas.

A primeira avaliação é a **Formativa**, na qual sua função é fazer o professor refletir sobre suas práticas pedagógicas, para detectar os motivos que levam as incompetências durante o processo ensino-aprendizagem a fim de inová-las para que se possam alcançar os objetivos determinados por ele.

Sobre o conceito de **Avaliação Formativa**, Santos e Varela (2007, p.04) complementa:

Formativa tem como função informar o aluno e o professor sobre os resultados que estão sendo alcançados durante o desenvolvimento das atividades; melhorar o ensino e a aprendizagem; localizar, apontar, discriminar deficiência, insuficiências, no desenvolvimento do ensino-aprendizagem para eliminá-las; proporcionar feedback de ação (leitura, explicações, exercícios).

Outro tipo de avaliação que pode contribuir para um ensino de qualidade é a **Avaliação Cumulativa**. O professor a partir desse instrumento de avaliação coletar dados a todo o momento sobre o desenvolvimento de cada aluno durante a aprendizagem.

Dentre as concepções de avaliação citadas acima, há também, a **Diagnóstica**, na qual auxilia o professor a detectar os saberes que os alunos construíram durante os anos anteriores, conhecendo melhor a capacidade cognitiva dos seus alunos, a fim de reforçar nas suas práticas pedagógicas os conteúdos que eles não aprenderam, articulando-os com novos saberes.

E por último, a **Avaliação Somativa**, denominada também classificatória, que se apresenta em um sistema de ensino seriado. Neste instrumento avaliativo, o educador atribui uma nota ao aluno promovendo-o de acordo com o seu desempenho sobre os componentes curriculares.

Enfim, diante dos exemplos de avaliação citados a cima, é de suma importância ressaltar, a contribuição que as mesmas têm para impedir o fracasso escolar, pois ambas tem, a finalidade de melhorar o processo educativo nas escolas.

O educador quando passa a conhecer outras possibilidades de avaliar o processo ensino-aprendizagem, consegue dialogar com ele mesmo, refletindo sobre o que precisa mudar nas suas ações avaliativas para conseguir alcançar seus objetivos determinados. Portanto, passará a meditar sobre as dificuldades encontradas na aprendizagem e os motivos que levaram o aluno a não construir saberes. Diante dessa reflexão, Hoffmann (2009, p.53) assegura, “o processo avaliativo destina-se a observar, refletir e favorecer melhores oportunidades aos alunos [...]”. A partir dessa análise, proporcionará consigo mesmas estratégias eficazes para garantir as crianças de forma igualitária um ensino de qualidade, possibilitando a todos se transformarem em sujeitos ativos do conhecimento.

A avaliação está presente não só no momento de atribuir valores quantitativos ao aluno durante as atividades realizadas por ele, mas também no fazer pedagógico, quando o docente está construindo suas práticas metodológicas e nas relações existente entre ele e os alunos. E para cada momento mencionado existem os instrumentos de avaliação adequados para fundamentar esses diferentes caminhos que influenciam no desenvolvimento cognitivo e emocional do aluno.

Assim, Silva (2010, p.18) complementa:

[...] O que é avaliar? Para que avaliar? Quando avaliar? Como avaliar e o que fazer com os resultados da avaliação? Esses questionamentos representam as principais dúvidas dos docentes na hora de concretizar seu trabalho pedagógico e elaborar e implementar a dinâmica avaliativa.

Para chegar às respostas, é fundamental o educador dominar essas perguntas proposta pelo autor para sua própria reflexão sobre o andamento do seu processo de avaliação, pois só assim ocorrerá um ensino capaz de favorecer tanto a sua autonomia como mediador do conhecimento como também oportunizar a construção da autonomia do seu aluno, proporcionando a ambos uma realização pessoal e profissional.

CAPÍTULO III

3-O PROCESSO AVALIATIVO DO PROFESSOR

O capítulo abordará a contribuição que o professor tem a respeito da avaliação e como ela ocorreu durante o momento da observação, primeira parte do estágio. E da continuidade com um embasamento teórico com vários pontos de vista sobre a avaliação para promover uma aprendizagem para todos.

3.1 A importância da avaliação para uma aprendizagem significativa

Para compreender melhor a contribuição da avaliação educacional na aprendizagem é fundamental refletir inicialmente sobre o seu processo, buscando então entender, alguns caminhos que os professores escolhem para avaliar o desenvolvimento do educando e se por acaso eles condizem com as necessidades individuais de cada aluno.

Para discutir sobre a avaliação, em primeiro lugar é essencial tentar conhecer algumas concepções, pois ela muito ampla e seus significados se diferenciam de professor para professor.

A princípio, a autora Esteban (2008, p.14), conceitua avaliação da seguinte forma:

Avaliar, como tarefa docente, mobiliza corações e mentes, afeto e razão, desejos e possibilidades. É uma tarefa que dá identidade à professora, normatiza sua ação, define etapas e procedimentos escolares, media relações, determina continuidade e rupturas, orienta a prática pedagógica.

Assim, buscamos durante a coleta de dados, investigar o procedimento avaliativo de uma professora nomeada X, de uma escola da rede municipal, a qual diante não nomeou avaliação como um processo contínuo, no qual ocorre em uma reflexão crítica, sobre a aprendizagem do aluno. Sob o mesmo ponto de vista da profissional, avaliar é algo que vai muito além do que atribuir uma nota ao aluno pelo seu desempenho durante a atividade é algo que sucede todos os dias na sala de aula ou até mesmo em casa, lugar onde o professor está em constante reflexão sobre o crescimento dos seus alunos. Ou seja, deve ocorrer desde o início até o final do trabalho que o professor desenvolve com o aprendiz, tendo sempre em foco o olhar avaliativo, o qual é regido de interpretação que facilita o educador conhecer melhor a capacidade cognitiva de cada aluno.

Similarmente, Hoffmann (2009, p.32) ainda a respeito do olhar avaliativo, completa:

O olhar avaliativo busca, essencialmente, captar a dinâmica do processo de conhecimento do aprendiz: perceber o que há de diferente em todos os sentidos-no que ele avançou, nas ideias novas que 'agora' apresenta se, 'nesse momento', tem dúvida a respeito de alguma noção, se adquiriu, em tal tarefa, 'maior' habilidade ou destreza.

Da mesma forma, o professor considerado o mediador do conhecimento, lança um olhar avaliativo de maneira multidimensional sobre seus alunos, verificando o crescimento de

cada um durante o processo de aprendizagem. Durante esse momento de verificação de aprendizagem, o professor reflexivo ao ter em mão números referentes a notas que os alunos obtiveram em suas atividades, mediatamente percebe que nem todos tiveram o mesmo desempenho crítico. Assim alastra novas metodologias de ensino para amenizar os obstáculos que surgiram e dificultaram o desenvolvimento de algumas crianças.

3.2 As práticas avaliativas vivenciadas na escola

Quando se trata de avaliação, vem logo em mente como é o perfil do professor no ato de suas práticas avaliativas, pois mesmo com tantos discursos a respeito de avaliar para promover o aluno ,o que acontece em algumas escolas é o contrario,avaliam o aluno pela sua capacidade de memorizar os assuntos dados pelo professor. Deste modo classifica o aluno e conseqüentemente o julga sobre o seu desempenho.

Dando continuidade a respeito da prática da avaliação, a professora X descreve que é um momento de avaliar o aluno pelo seu próprio desempenho, considerando tudo o que eles fizeram para que não percam sua alta estima perfeita. No entanto vale ressaltar que a troca de saberes entre os membros que estão inseridos na sala de aula é fundamental para o aluno criticar sobre diferentes saberes e deste modo melhorar os seus, pois a partir de um erro cometido pelo aluno, o professor não deve aceitar, só para deixar o aluno mais contente, mas sim fazer o aluno refletir sobre ele, sem que o mesmo não perca o estímulo da aprendizagem. Nem tudo o que o aluno diz ou escreve é correto, mas um bom professor – avaliador o guiará para os acertos, sem que eles fiquem entristecidos.

Diante desse comentário, Hoffmann (2008, p.77) diz que:

O compromisso do avaliador passa a ser o de mobilizá-lo a buscar sempre novos conhecimentos, o de ajustar experiências educativas às necessidades e interesses percebidos ao longo do processo, e de provocá-lo a refletir sobre as ideias em construção para que seja cada vez mais autônomo em suas buscas.

Perante essa afirmação, uma das funções mais significativas do professor no momento em que está avaliando o seu aluno, é o de induzi-lo com novas ações pedagógicas, a aprender novos conhecimentos. A partir de seu método de ensino, compromete-se fielmente com a aprendizagem de todos, fazendo com que eles critiquem os diferentes conhecimentos que os cercam, tanto os presentes em sala de aula, como também fora dela, a fim de que se tornem construtores de novos saberes. Essa relação pedagógica é formada através da

aproximação do mediador com seus aprendizes durante o seu ato de percepção, aproximação e caracterização das pessoas que participam do processo de aprendizagem durante um dado período.

3.3 Prova: instrumento mais usado para avaliar a aprendizagem dos alunos

Existe hoje uma diversidade ampla de instrumentos de avaliação que precisa está presente tanto na teoria como na prática do docente, pois tanto o ensino como a aprendizagem precisa ser avaliado constantemente, atendendo assim as especificidades e intencionalidade que surgem ao longo do processo ensino-aprendizagem.

Assim, levando em consideração a aprendizagem dos aprendentes, é conveniente afirmar que a aprendizagem pode ser analisada por inúmeros instrumentos de avaliação que a pesar de suas diferenças, buscam identificar os fatores que levaram a progressão ou o fracasso do aluno.

A tabela abaixo representa quatro tipos de instrumento de avaliação que estão presente na prática avaliativa do docente x e qual deles é usado por ela com mais frequência.

Instrumentos de avaliação	Opção escolhida
Provas	X
Trabalhos individuais	
Trabalhos coletivos	

Tabela 1-Instrumentos de Avaliação

Fonte- Questionário aplicado ao professor do 4º Ano

Com vistas na tabela, a alternativa de escolha com mais frequência que o docente escolhe para avaliar a aprendizagem dos seus alunos é a **prova**. O professor verifica através desse instrumento avaliativo, se realmente foi possível os alunos aprenderem os conteúdos que foram transmitidos por ele. Este processo passa por diferentes momentos, como por exemplo, primeiro o professor expõem o conteúdo, depois passa algumas atividades referentes

ao tema abordado para os aprendizes dominarem o assunto. Depois o processo segue com uma **prova**, no qual tem como objetivo na maioria das vezes, verificar a possível memorização de conteúdos dados e por fim a avaliação é finalizada quando o docente atribui aos seus alunos um número equivalente a sua capacidade de memorização. A partir desses atos, que se repetem ao longo do ano letivo, é possível detectar aqueles que serão promovidos e os que serão reprovados.

Assim em um sistema burocrático, o dono do saber é o professor e os alunos obrigados a ficarem quietos são os receptores da mera transmissão desses saberes. Deste modo a nota é um fim e não apenas a representação do resultado do aluno.

Em relação ainda aos instrumentos de avaliação, durante o primeiro momento, a observação, do Estágio Supervisionado nas Primeiras Séries do Ensino Fundamental, pude observar que mesmo a docente X, optando poucas vezes o trabalho coletivo não oferecia a oportunidade de aprendizagem. Conforme o que se mostra no diário de campo (3º dia de observação, 24/08/2011):

A professora propõe aos alunos a ficarem em equipes de quatro a logo em seguida passa um exercício meramente técnico, no qual os alunos irão reproduzir do livro didático, um texto sobre os movimentos da respiração e os órgãos do sistema respiratório. Essa atividade será atribuída uma nota pela escrita e pelo comportamento de cada aluno. [...] os alunos ficam quietos com medo de tirar nota baixa.

Porém o que vale ressaltar aqui nesta análise é que mesmo escolhendo um instrumento de avaliação que conduza o aluno a aprender, não se nota conhecimento produzido e sim mais uma vez a mera reprodução de saberes, pois o que se observa mais uma vez, como finalidade do professor, é deixar o aluno quieto. Deste mesmo modo, a maioria dos alunos de escolas públicas continua a ter dificuldade na aprendizagem, por que não há de fato neste exato momento um profissional competente que se preocupe com o desenvolvimento cognitivo, fazendo com que eles continuem sendo marginalizados pela sociedade do conhecimento.

A todo o momento a professora, sujeito de minha pesquisa, entra em contradição sobre o seu modo de avaliar, pois, os seus escritos apresentados no questionário não condizem com a realidade vivenciada durante todo momento que estive presente em sua sala de aula.

Conforme mencionado, alguns relatos evidenciam que a docente conhece a avaliação mediadora como elemento capaz de ajudar na aprendizagem dos seus aprendizes, porém é

evidente afirmar que não usufrui de sua teoria em sua prática. Deste modo pode ser visto nitidamente, mais um indivíduo ocupando um cargo na área da educação sem pelo menos refletir sobre o fracasso escolar, já que para muitos deles é consequência devido o despreparo do aluno, incapacidade de aprender, irresponsabilidade dos pais que não ensina seus filhos em casa ou até mesmo falta de recursos na escola. Enfim a responsabilidade é jogada para outras esferas que não estão acompanhando de perto o processo de ensino-aprendizagem. O que se propõem na verdade não é culpar o professor por tudo o que acontece de “ruim” em sala de aula, mas fazê-lo refletir sobre suas práticas avaliatórias para que possa conduzir as crianças a desenvolver suas inteligências múltiplas.

Em resumo dessa síntese, Castillo (2009, p.470) diz que:

O professor, por seu preparo, por sua implicação e pela possibilidade que tem de atuar como líder do processo, é a pessoa ideal para exercer o papel relevante de avaliador. Programar, treinar, ensinar, orientar e avaliar são funções básicas que definem o papel do professor atual.

Em sentido desta análise, o professor é visto na atualidade, como o principal responsável na formação do indivíduo, pois passa algumas horas consecutivas a favor da aprendizagem dos alunos. Porém para que ocorra um ensino promissor, é conveniente está sempre renovando sua identidade profissional, buscando encontrar ao longo dos dias, subsídios coerente para que possam lhe ajudar a reordenar o processo de aprendizagem para conseguir avaliar o desenvolvimento pessoal nos alunos.

3.4 O objetivo primordial da avaliação

Dando continuidade à pesquisa sobre a avaliação, ao lançar a seguinte pergunta referente ao objetivo fundamental da avaliação, a docente diz a seguinte afirmação, “O objetivo principal da avaliação é procurar desenvolver nos alunos a maior capacidade possível de conhecimentos, esses que são construídos através de avaliações escritas e orais nas atividades aplicadas”. Isso implica dizer que a avaliação é muito mais do que monitorar o aluno na sua absorção de conhecimentos, é segundo Demo (2004), dar liberdade ao aluno para expressar seus saberes. Portanto, é significativo sim, trabalhar a escrita e a oralidade do aluno, mas valorizando a participação das crianças durante as atividades, propostas pelo professor que está na sala de aula para ensinar e os alunos para aprender. Assim para articular melhor

esse pensamento, apresento a seguir um relato vivido no momento da observação na sala de aula do 4º Ano.

Veja no diário de campo-observação (22/08/2011) a postura do professor ao lançar uma atividade na lousa:

Durante as atividades na lousa, acontecia a participação dos alunos tentando conseguir adivinhar as respostas, mas logo eram interrompidos de expor seus pensamentos, pois antes delas apresentarem suas opiniões, a docente imediatamente os impediam, colocando as respostas na lousa. Devido a sua atitude na sala de aula gerava um conflito dos alunos, pois eles queriam participar oralmente da atividade. Os alunos sempre pediam para fazer as atividades de verificação de aprendizagem primeiramente sozinhas.

A ação avaliativa é uma oportunidade de fortalecer o diálogo entre o professor e seus alunos. Essa troca de ideias é fundamental para promover o aluno no final de cada bimestre, pois, além de valorizar a participação de todos durante as atividades de sala de aula, faz com que o professor leve o aluno ao nível mais elevado em relação ao seu desenvolvimento pessoal. Deste modo, a avaliação não acontece somente no momento de dar a nota ou de perceber os alunos que acertaram e os que erraram, mas também seu caminho mais significativo é informar os aprendizes sobre suas conquistas, para que assim todos fiquem satisfeitos e felizes com os resultados.

Ainda se tratando do objetivo central da avaliação, a tabela a baixo mostra vários objetivos que avaliação pode apresentar, na qual, ambos os significados se diferenciam dependendo de como o professor a usufrui para analisar o desenvolvimento cognitivo dos seus educando. Analisaremos agora a alternativa escolhida pela professora x:

Observe a tabela que segue:

Objetivo central da avaliação	
Identificar os alunos que aprenderam o conteúdo e os que não aprenderam;	
Contribuir para a aprendizagem dos alunos;	X
Atribuir uma nota pela decodificação de conteúdos;	
Detectar os motivos que levaram o aluno a não aprender.	

Tabela-2 Objetivo central da Avaliação Gráfico-
Fonte: Formulário aplicado a turma do 4º Ano

Como a tabela mostra, a professora X, escolhe como objetivo central da avaliação a segunda alternativa. Para ela, a avaliação é mais do que tudo, contribuir para a aprendizagem dos seus alunos. No ato de sua resposta surge uma interrogação que merece reflexão sobre o processo avaliativo que acontece nas redes públicas de ensino. Como contribuição para o crescimento dos alunos, sem ao menos o educador ter consciência de que é preciso renovar as suas ações avaliativas?

Durante a observação na sala de aula da professora x, foi possível observar as suas práticas de avaliar seus alunos, na qual a maioria delas aconteceu em cima de modelos ultrapassados e que não valorizava o conhecimento prévio dos seus educando. É através dessa pergunta que o ato de avaliar o ensino e conseqüentemente a aprendizagem ganha sentido, pois o docente ao responder a citada pergunta, percebe que é impossível oferecer uma aprendizagem significativa apenas com um discurso bem elaborado, é necessário coloca-lo em prática, estimulando a experiência do ensinar e do aprender.

3.5 Acertos x erros

O processo avaliativo não deve ser fundamentado no entrosamento imediato do aluno com os conteúdos curriculares, nem tão poucos a evolução de todos no mesmo momento, pois cada criança sempre está evoluindo, o que realmente se diferencia entre eles são os ritmos e as singularidades de cada um. Tal desenvolvimento pode ser comprovado, nos acertos e nos erros que os alunos mostram durante as atividades.

Falar em **erros e acertos** é comum em uma sala de aula, porém existe uma diferença grande entre eles. O **acerto** valoriza o crescimento do aluno, já o erro se não for tratado como elemento de reflexão para o docente melhorar aprendizagem daqueles que não se deram bem nas atividades, pode gerar no íntimo do aluno uma incapacidade de aprender.

Assim, Depresbiteris (1993, p.66) diz que “reconhecer o tipo de erro cometido é uma das funções do professor ao avaliar seus alunos, observando-o em suas aprendizagens e contribuindo para que o erro seja superado”.

O **erro** quando tratado de construtivo é fundamental para o docente acompanhar de perto todo processo de aprendizagem de cada um, pois ele relata o que foi absorvido como saber e o que não foi aprendido. Ao acompanhar o aluno, faz com que ele analise.

Nesta mesma linha de pensamento, a professora X no ato de avaliar seus alunos, leva mais em consideração os **erros**.

Ela comenta o seguinte:

Quando avalio meus alunos, é claro que levo mais em consideração, os erros. Procuro fazer com que os alunos observem e reflita sobre eles, para que assim seja possível diminuir eventualmente os erros que eles apresentaram nas atividades.

Vale salientar, que os erros cometidos pelas crianças podem ser consequência da falta de articular melhor os pensamentos para resolver a tarefa, impedindo-o de interpretar o que está sendo proposto nas atividades.

Nesta perspectiva, o papel do professor durante a observação de **erros** cometidos pelo aluno é articular sua experiência educativa a necessidades prioritárias, percebidas ao longo do processo de aprendizagem, de mobilizá-lo a compreender o **erro** e assim estimula-lo a buscar novos conhecimentos, afim de que perceba que é possível avançar como os colegas também avançaram. Enfim, propor o aluno a seguir em frente, é lhe dar oportunidade de aprendizagem.

O processo avaliativo, em modelo mediador cogita uma aprendizagem significativa, faz o professor acompanhar, entender e favorecer o aluno a seguir progredindo. Assim, segundo Hoffmann (1995) o ato de acompanhar o aluno não se refere em corrigir, reescrever, grifar, ou simplesmente abocar **erros e certos**, mas sim, transformar as ações avaliativas em atividades de pesquisa e reflexão a propósito de compreender minuciosamente a falas apontadas pelos alunos, valorizando deste modo os diferentes pensamentos, as perguntas que não foram respondidas, no intuito de fazer uma anotação para suprir o que foi detectado de negatividade durante o desenvolvimento crítico da criança. Com esse acompanhamento, o professor segue o progresso intelectual do aluno através de um processo ativo, no qual ele está em constante análise sobre os avanços durante construção do conhecimento.

3.6 O papel da formação continuada para subsidiar novas práticas avaliativas

Como se percebe o objetivo da pesquisa é mostrar aos leitores uma nova concepção sobre as práticas avaliativas. Uma avaliação que ultrapassa um modelo elitista e excludente,

na qual, visa um poder de autoritarismo sobre os alunos. Um arquétipo limitado, que classifica o aluno perante a verificação de respostas certas e erradas.

Para se desmistificar a falsa afirmação, de que nem todos são capazes de produzir algo, é necessário em primeiro momento, às escolas perceberem que ainda estão presas a sistemas de ensino que não produzem efeitos significativos na aprendizagem, pois elas determinam regras, em que o conhecimento é verificado somente na transmissão de conteúdos didáticos, esse que nem ao menos foram elaborados de acordo com a realidade da criança.

A transformação não acontece literalmente. Não podem acontecer mudanças na avaliação sem ao menos a escola e o educador conhecer as possibilidades que a avaliação, enquanto mediadora, tem para contribuir em uma aprendizagem significativa. Porém um dos recursos que vai fazer o avaliador possuir um olhar mais amplo sobre as diferentes possibilidades de acompanhar o desenvolvimento dos seus educando, é a formação continuada.

Em relação à formação continuada, foi lançada uma nova pergunta à professora X, na qual busca saber sobre a sua participação em alguma capacitação e qual a contribuição dela para suas práticas avaliativas. A colaboradora da pesquisa indaga o seguinte:

Participo sim de formação continuada. Essa capacitação proporciona novas habilidades de ensino, melhora a minha capacidade de raciocínio sobre as transformações na sociedade e assim contribui na minha prática avaliativa, pois busco avaliar o aluno de forma contínua, valorizando o seu progresso. (09-11-2011).

Com esse discurso, percebe-se que a formação continuada oferece ao professor a arte de construir um novo perfil de profissional, aflora uma reflexão de sua metodologia e uma atualização sobre seus saberes, pois a cada minuto surge na sociedade novos conhecimentos e o educador como construtor de saberes, carece esta por dentro dessas mudanças para não perder o seu papel de mediador na sala de aula.

Com sua identidade em construção, o professor aprende no decorrer da sua formação a importância de avaliar os seus alunos a todo o momento, também de forma contínua, identificando os avanços e os fracassos.

Porém, é conveniente afirmar que nem sempre o que está escrito nos relatos dos professores, referente a capacitações, é o que realmente acontece, pois, mesmo com a necessidade de mudança na educação, o que ainda é observado nas salas de aula, são práticas pedagógicas inúteis devido à má formação docente.

Falar em avaliação é criticar também como o professor chegou aquele método avaliativo, ou seja, por trás de sua escolha de verificar o conhecimento existe uma prática docente formulada a partir de seus estudos que o professor adquire durante sua formação ou ao longo da sua vida profissional. Desta forma, existe aquele professor que não recicla seus conhecimentos adquiridos durante sua formação. Esse motivo talvez seja por falta de tempo ao apresentar uma carga horária elevada ou até mesmo carência de recursos.

Ainda a respeito sobre a formação continuada, Hoffmann (2009, p.87), complementa:

[...] os programas de formação continuada precisam estar embasados no comprometimento de cada professor com estudo, leitura, elaboração de projetos individuais, esforço próprio, registros. As instituições precisam prever, assim, em seus programas, tempos e recursos para os professores assumirem tais compromissos.

Com essa citação, a autora assevera que o professor também é responsável pela sua formação. Quando ele procura conhecer novos saberes, através de troca de experiência com outros profissionais e aperfeiçoados por especialistas que a todo o momento está provocando a criticidade docente, ele está refletindo no que precisa ser melhorado para conseguir dar uma aula de qualidade aonde todos possam desfrutar da aprendizagem. Todavia não existe aprendizagem, sem ao menos o professor articular sua teoria construída ao longo dos seus estudos com sua prática cotidiana.

Da mesma forma que aprender a inovar o ensino ele também está apto para reconstruir sua prática avaliativa, pois conforme ele estuda, reformula seu modo de pensar, propondo para seus aprendizes uma avaliação formativa/mediadora e assim consequentemente uma visão ampla sobre seus alunos, estimulado ele a pensar e também ter sua própria autonomia.

3.7 A participação da gestão na prática avaliativa do professor

Há muitos anos a gestão da escola passou a ter outro compromisso com sua comunidade. Além de responsabilizar-se de todo gerenciamento que engloba o sistema de ensino, teve também que subsidiar os professores no seu processo de avaliação; mobilizando assim todos os pensamentos a favor de uma avaliação participativa e ao mesmo tempo democrática. Porém em muitas instituições de ensino, a situação real é em outra perspectiva. O diretor tem o papel de pressionar os professores para atingir os objetivos que a escola

precisa para mostrar a sociedade e principalmente aos políticos o funcionamento de suas atividades.

Assim, para fomentar a pesquisa sobre a participação do gestor na avaliação, busquei conhecer como ocorre essa intervenção na sala do 4º ano, apresentando-lhes os escritos da professora X.

A respeito da intervenção da gestora nas suas práticas avaliativas, ela diz que “Não existe nenhuma interferência da gestora, pois cabe somente ao professor procurar recursos e desenvolver a sua criatividade, suas ideias para trabalhar com seus alunos, para que possa conseguir melhor aprendizagem”. (09-11-2011).

Como sabemos, a escola é uma comunidade, onde todos juntos tem uma meta para atingir, a aprendizagem dos alunos. Deste modo, o trabalho coletivo é indispensável para fortalecer o ensino. Apesar de o professor ser o responsável pela sua turma, não significa dizer que ele não precisa de auxílio de outros membros da escola. Sem dúvidas, é muito importante a intervenção do gestor no ato avaliativo, pois ele com suas experiências pode sugerir novos caminhos para se chegar a uma avaliação significativa.

É preciso o professor diante não fornecer ao gestor e a todos da comunidade escolar as dificuldades que os alunos estão enfrentando na aprendizagem. Com um leque de diferentes opiniões pode-se chegar a uma resposta que surtirá efeito no processo de ensino-aprendizagem. Assim com a participação dos interessados na educação, é possível desenvolver diversos caminhos para avaliar o crescimento da criança e ao mesmo tempo permitirá ao professor fazer uma reflexão íntima em cima de suas práticas, pois o que pode está contribuindo para o fracasso escolar é a maneira incorreta de avaliar.

CAPÍTULO IV

4-O OLHAR DISCENTE SOBRE A PRÁTICA AVALIATIVA

O capítulo apresenta o conhecimento de alguns alunos, sujeitos da pesquisa, referente ao que eles concebem sobre a avaliação e como esta é praticada em sala de aula pela docente para avaliar a aprendizagem de cada um. Nesse sentido, emerge de suas opiniões conceitos sobre o resultado do processo avaliativo, no qual a prova predomina, como instrumento principal para o ato de avaliar.

4.1 A participação dos alunos em seus relatos sobre o processo de avaliação

Para encontrar novas respostas para os escritos sobre a forma de avaliar o desenvolvimento cognitivo dos alunos busquei investigar outros sujeitos. Neste momento apresento-lhes, nove alunos como participantes importantes, nos quais no decorrer do texto serão chamados de A, B, C, D, E, F, G, H, e I. Todos com suas opiniões, tiveram uma grande importância para nortear o meu campo de pesquisa, pois nada melhor do que os alunos para mostrar verdadeiramente como eles são avaliados durante a aprendizagem.

A pesquisa se deu através também de um questionário, elaborado a partir das necessidades que detectei na ausência de outros métodos avaliativos, pois resumindo em poucas palavras, no decorrer do meu Estágio nas Primeiras Séries do Ensino Fundamental percebi que a prova está muito presente na prática avaliativa do professor X.

Assim em um panorama de diferentes sujeitos, busquei analisar o que os educando pensam a essa escolha. Para iniciar a análise, apresento-lhes um gráfico referente a alguns instrumentos de avaliação.

Instrumentos de avaliação	sujeitos da pesquisa
Trabalhos individuais	2
Provas	6
Trabalhos em grupo	1

Tabela-2 Instrumento de avaliação
Fonte- Formulário aplicado a turma do 4º Ano

Como podemos ver o instrumento de avaliação que mais predomina em sala de aula, é a prova. Esse critério de avaliação na maioria das vezes acontece de maneira classificatória. Para Hoffmann (2009) esse tipo de avaliação procede a uma leitura negativa sobre o aluno, pois ela opta mais para a reprovação do que a aprovação do aprendiz. Ou seja, rotula o aluno pelo que ele não conseguiu fazer.

A avaliação classificatória já vem de muitos anos atrás, onde os pais exigem a todo o momento a aprovação dos seus filhos, o sistema de ensino está preocupado com dados estatísticos de aprovação e reprovação dos alunos e finalmente os professores que são jogados

sobre eles uma certa responsabilidade de alcançar tais méritos desejados por esses grupos de pessoas que os cobram constantemente resultados. Motivos esses, que levam o corpo docente a utilizar permanentemente a avaliação como recurso motivador e ameaçador para que os alunos fiquem atentos na aprovação como também na reprovação.

Assim para Luckesi (2005 p.18) “o exercício pedagógico escolar é atravessado mais por uma pedagogia de exame que por uma pedagogia do ensino/aprendizagem”. O autor quis mostrar que ainda está enraizada nas práticas avaliativas dos docentes uma pedagogia completamente ultrapassada, baseada em números e que não se preocupa com a aprendizagem dos alunos. Neste caso, avaliação acontece perversa.

Porém, é perceptiva nas escolas a predominância de métodos avaliativos que não estimulam a aprendizagem e muito menos contribui com a formação humana. De acordo com Demo (2004) a escola está mais para um supermercado, onde os produtos são separados de maneira totalmente padronizada e os consumidores são literalmente “obrigados” a fazer escolhas sobre as melhores mercadorias. Ou seja, os alunos que conseguiram acompanhar com sucesso nos estudos ocupam cada vez mais um patamar alto na sociedade, pois conseguiram vencer na vida profissional e aqueles que não conseguiram são destinados a uma população subalterna, obrigados a obedecer aos donos do conhecimento.

Dando continuidade a pesquisa, ouve a necessidades de conhecer como os alunos compreendem as notas baixas e as notas altas que eles tiram durante a execução de suas atividades.

Deste modo, começo a fazer uma reflexão perante as notas baixas. O aluno F diz que “na maioria das vezes tira notas baixas, pois não gosta de ler e por isso não decora os assuntos da prova”. (09-11-2011).

Com base na argumentação percebe-se que a decodificação está muito presente na sala de aula. Os alunos são considerados “máquinas” que a todo o momento devem memorizar os conteúdos para se dar bem nas avaliações. Porém nem todos têm o mesmo prazer de decorar e por isso chegam a reprovação, como “premio”. É preciso que o educador não cometa esse tipo de erro. Fazer o aluno decorar os conteúdos curriculares, deste modo, é impedi-lo de construir seu próprio pensamento sobre o conteúdo dado. Porém, vale lembrar que a prova tem seus lados significativos sim na aprendizagem da criança, desde que ela seja elaborada de forma contextualizada para desenvolver nos seus alunos a interpretação da escrita como também o pensamento. Levar o aluno a decodificar só vai fazê-lo regredir no tempo e assim consequentemente sua reprovação.

Agora em relação à nota alta, o aluno B faz o seu pequeno discurso:

Eu tiro notas muito boas, pois quando a professora marca a prova estudo bastante em casa para no dia da prova fazer todas as perguntas. Sem estudar os conteúdos ninguém passar de ano, por isso estudo para ser aprovado e não reprovado. (09-11-2011).

O discurso do aluno passa para os leitores um momento de subordinação, pois ele estuda não para adquirir conhecimentos, mas para tirar notas boas e passar de ano. Perante a essa afirmação à prática avaliativa do professor é quem fortalece esse paradigma cada vez mais, pois o ensino reproduz o autoritarismo, esse que nos discursos não é apontado pela professora X.

Ao contrário do que agora foi exposto, Hoffmann (1995, p.60) relata a seguinte afirmação sobre o novo olhar avaliativo:

A ação avaliativa abrange justamente a compreensão do processo de cognição. Por que o que interessa fundamentalmente ao educador é dinamizar oportunidades de o aluno refletir sobre o mundo e de conduzi-lo a construção de um maior número de verdades, numa espiral necessária de formulação e reformulação de hipóteses.

Entende-se, então, que a avaliação, diante de suas transformações com sua nova visão da aprendizagem em sala de aula, facilita o educando a desenvolver a sua inteligência cognitiva. Isso devido às inúmeras oportunidades que surgem no decorrer do processo de ensino. O educador propõe ao aluno a conhecer uma nova visão de mundo, fazendo com que ele construa seu próprio conhecimento sobre o seu habitat assim consequentemente inúmeras verdades vão surgindo ao longo da sua vida de estudante. O professor com os seus modos de avaliar possui uma facilidade incrível de conhecer e captar as dificuldades que cada criança tem, transformando-as em recursos para a elaboração de práticas que diminuem as dificuldades de aprendizagem em sala de aula.

Porém para chegar aos bons resultados na aprendizagem, é indispensável na vida cotidiana do profissional de educação, o planejamento, pois ele resulta na elaboração de estratégia que possibilitam à educação atingir os objetivos desejados. Perante essa afirmação Luckesi (2005, p.106) implica dizer que:

O ato de planejar, como todos os outros atos humanos implica escolha e, por isso, está assentado numa opção axiológica. É uma 'atividade-meio', que subsidia o ser humano no encaminhamento de suas ações e na obtenção de resultados desejados, portanto, orientada por um fim.

O autor nos seus escritos relata o planejamento como um subsídio de alta importância para o educador analisar cada perfil de seus educando, fazendo-o refletir perante as dificuldades encontradas na aprendizagem, para que logo ele faça a escolha certa com propósito de desenvolver métodos avaliativos condizentes com a realidade dos pequeninos. Ou seja, o planejamento sendo um ato de reflexão e ação ajuda a trilhar o percurso que o professor precisa para atingir os objetivos desejados.

Deste modo o novo modelo de avaliação deve expor não números informadores de níveis alcançados, mas basear-se em modos de análise, de coleta de dados, e de outros meios que permita o educador e os demais responsáveis pela aprendizagem do corpo discente, observar antecipadamente as inteligências múltiplas de cada aluno e suas limitações para que a partir dessas informações coletadas, elabore um planejamento eficiente fazendo o aluno aprender de acordo com o que o professor está ensinando.

Assim, Castillo (2009, p.471) defende a seguinte afirmação:

[...] A avaliação é a peça chave da regulação do processo. Se queremos entender ao desenvolvimento de alunos com níveis, estilos e ritmos de aprendizagem diferentes, temos que saber como progredem, quais são seus sucessos e quais suas dificuldades.

Portanto a avaliação é decisiva no processo de aprendizagem, pois ela quando realizada de modo construtivista regula todo desenvolvimento cognitivo do educando, visando entender os avanços e as regressões tanto do professor como em especial do seu alunado.

Porém, nem sempre é vista desta forma, pois infelizmente ainda é comum para os profissionais de educação conhecer a avaliação como apenas um instrumento indispensável na promoção do aluno, extraindo dela números que rotulam cada vez mais os alunos. E os pequeninos devido a visão do professor sobre a avaliação, ficam interessados apenas em tirar boas notas, decodificando os conteúdos, pois para eles quando se trata de avaliá-los, a prova classificatória vem logo em mente. Ou seja, a maioria deles não conhece a avaliação como contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem.

Para desmistificar o mito de que a prova é o único instrumento para se alcançar a aprovação dos alunos, busquei respostas sobre o pensamento dos educando a respeito do que eles pensam sobre tal recurso avaliativo abordado.

Transcrevo a seguir o que diz o aluno C sobre como gostaria que fossem realizadas as provas em sua turma:

Gostaria que fossem feitas do meu gosto, pois não consigo decorar todas as questões e isto faz com que eu tire notas baixas. Os meus coleguinhas passam de ano por que eles conseguem aprender todos os exercícios que o professor passa e eu não passo por que não aprendo todas as perguntas. (09-11-2011).

Com a fala do aluno, é fácil perceber que a avaliação escrita não permite que ele desenvolva seu próprio pensamento sobre o conteúdo abordado em sala. Neste sentido, ele se torna um individuo incapaz pelo fato de não ter tido a mesma agilidade de decodificação dos seus coleguinhas, tendo como consequência uma nota baixa como prêmio. Como Jussara Hoffmann (2009) diz, é impossível modificar o contexto educacional sem ao menos esquecer os testes teóricos, deste modo não ocorrerá a aprendizagem do aluno sem o professor lhe dar oportunidade de produzir textos com suas próprias palavras, ao invés de oferecer uma prova de gramática.

Nesta mesma linha de pensamento, o aluno F diz que gostaria muito que as provas fossem muito fáceis para facilitar ele a tirar notas melhores. A falta de orientação do professor afeta no desenvolvimento cognitivo da criança, fazendo com que ela não compreenda o que ele propõe nas suas avaliações de verificação de aprendizagem. Para o aluno C, as provas são difíceis pelo fato de não conseguir respondê-las.

No entanto, cabe aos professores trazer para suas praticas avaliativas a certeza de que o aluno aprende muito mais com a construção de conhecimento, esses que surgem através da troca de informações entre educador e educando do que as informações obtidas em testes quantitativos. Porém, é conveniente juntar informações sobre o perfil de cada aluno, o que ele aprendeu ou por que ele não aprendeu. A avaliação tradicional não supre a compreensão e nem tão pouco ultrapassa os erros. A responsabilidade do educador é fortalecer a aprendizagem do aluno, fazendo ele acreditar que é necessário ter força de vontade para aprender, pois a sua progressão servirá para sua vida tanto pessoal como também profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar as **Práticas Avaliativas e suas Implicações para o Desenvolvimento Cognitivo do Educando**, pude verificar a princípio a importância de o professor conhecer os inúmeros modelos avaliativos para desencadear nos alunos no cenário educacional o interesse de aprender.

A necessidade de mudança surgiu a partir das transformações na sociedade, onde todos independentemente de suas individualidades necessitam de se tornarem seres pensantes e críticos para inserir-se na sociedade do conhecimento. Deste modo é papel do professor mediar os conhecimentos, oportunizando os alunos a aprendizagem. Porém, tornar o aluno crítico, infelizmente, é algo que ainda precisa ser melhorado, pois a mudança só é possível quando o educador é consciente dos erros que ele comete ao avaliar o aluno de maneira classificatória. Esta que pode ser inicializada com o surgimento de novas práticas avaliativas. Avaliar é muito mais do que atribuir um número ao aluno para representar seu desenvolvimento, que nem sempre é favorável ao aluno.

Deste modo, Rabelo (2009, p.11) comenta a seguinte ideia:

[...] a escola não pode continuar trabalhando com verdades absolutas, prontas e acabadas, inclusive no que se diz respeito ao tema avaliação. Precisa investigar, indagar, avaliar a todo instante seu labor, sua ação educativa e, neste sentido, não podemos nos esquecer de que a avaliação é um processo[...].

Ou seja, o ensino sistematizado e burocrático, caracterizado por pensamentos prontos e acabados não valoriza a autonomia do aluno, na participação de expressão de opiniões. Assim o autor diz que a avaliação deve ser um processo contínuo e tem que ter a ideia de movimento, ação, pensar e agir. Assim tanto o professor quanto os alunos com suas experiências sobre o tema abordado em sala vão construir novos conhecimentos.

Observa-se também que a avaliação tem sido embaraçada com o exercício de verificar a quantidade de conhecimentos que cada aluno conseguiu memorizar através dos conteúdos curriculares. Porém, o professor esquece que a avaliação vai muito mais além de números e que também é fundamental para fazer uma análise sobre os motivos que levaram o aluno ao fracasso escolar.

Sob o mesmo ponto de vista, os alunos são vistos como seres quantitativos e rotulados pelo seu histórico escolar. O professor desconhece em alguns momentos que cada aprendiz tem seu tempo certo de aprendizagem, nos quais se diferenciam pelas suas inteligências múltiplas. A ausência do contato íntimo com o aluno faz com que o professor faça injustiças ao avaliar o rendimento de cada aluno, pois as notas que eles tiram vão ficar marcadas para sempre nos documentos da escola. É preciso oportunizar mais vezes ao aluno, se ele não foi bem à avaliação de determinada matéria, cabe ao professor avaliar de forma contínua as dificuldades que fizeram o aluno a tirar nota baixa.

Portanto, a avaliação é um processo contínuo um planejamento prévio que deseja percorrer, mas pode ser alterado, dependendo do que o professor refletiu sobre o que precisa ser mudado.

Por essa razão, considero favorável a inovação das práticas avaliativas no âmbito educacional, pois a partir das informações adquiridas ao longo da construção do trabalho acadêmico percebi através dos meus instrumentos de pesquisa, a observação, o estágio e os questionários aqui presentes que a avaliação mesmo estando presente nas formações continuadas e nas rodas de conversas entre os membros educacionais, prevalece ainda o tipo de avaliação classificatória, na qual foi confirmado com a análise de dados que não é suficiente para a progressão do aluno. As crianças precisam ser estimuladas a desenvolverem o pensamento crítico.

REFERÊNCIAS

ARREDONDO, Santiago Castillo; DIAGO, Jesús Cabrerizo. **Avaliação educacional e promoção escolar**. Curitiba: Ibpx- São Paulo: Unesp, 2009.

DEMO, Pedro. **Ser professor é cuidar que o aluno aprenda**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

_____. **Mitologias da avaliação**: de como ignorar, em vez de enfrentar problemas. 2 ed. Campinas, São Paulo: Atores Associados, 2002.

DEPRESBITERIS, Lea. Avaliação da aprendizagem- revendo conceitos e posições. In: SOUSA, Clarilza Prado de Sousa (org.). **Avaliação do rendimento escolar**. São Paulo: Papyrus, 1993.

ESTEBAN, Maria Tereza. **Escola, currículo e avaliação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa. Pressupostos epistemológicos da avaliação educacional. In: SOUSA, Clarilza Prado de Sousa. **Avaliação do Rendimento Escolar**. São Paulo: Papyrus, 1993.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

HOFFMAN, Jussara. **O jogo do contrario em avaliação**. 5ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

_____. **Avaliar para promover as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

_____. **Avaliação mitos & desafios**. Porto Alegre: Mediação, 1995.

LUCKESI, Carlos Cipriano. 17ed. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo, 2005.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. 2 ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. (Orgs.). Estágio: diferentes concepções. In: _____ **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

RABELO, Edmar Henrique. **Avaliação: novos tempos, novas práticas**. In: RABELO, Edmar Henrique 8ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2009.

SILVA, Janssen Felipe da. Introdução:avaliação do ensino e da aprendizagem numa perspectiva formativa reguladora. In: HOFFMANN, Jussara; ESTEBAN; Teresa, Maria (orgs.). **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

SANTOS, Monalize Rigon dos; VARELA, Simone. A Avaliação Como um Instrumento Diagnóstico da Construção do Conhecimento nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. In: **Revista Eletrônica de Educação**. Ano I, No. 01, ago. / dez. 2007. Disponível em: http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao/Artigo_04.pdf. Acesso em: 06 de set de 2011.

WEBER, Florence. **A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu Diário de Campo**. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, 2009.

FONTES DOCUMENTAIS:

DIÁRIO DE CAMPO. **Memórias narradas do Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**, Cajazeiras de 22 a 26 de agosto de setembro de 2011.

APÊNDICES



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CAJAZEIRAS – PB
CURSO DE LICENCIATURA EMPEDAGOGIA**

Você está sendo convidado(a) para responder este questionário, elaborado por mim, Carliane Mendes Dias, estudante do 8º período de Pedagogia. Vale salientar que essa pesquisa é somente para fins acadêmicos, não será divulgado o nome da pessoa que respondeu, assim como o nome da instituição de ensino, pois o mesmo tem por objetivo, a realização do meu projeto de pesquisa, na disciplina **PESQUISA EM EDUCAÇÃO II**, e futuramente minha monografia.

QUESTIONÁRIO DE COLETA DE DADOS

Caracterização do docente

Nome: _____ idade: _____

Endereço: _____

Email: _____ Telefone: _____

Formação acadêmica: _____ Anos atuação: _____

Em qual instituição trabalha? () Estadual () Municipal () Particular.

Você é efetiva? () sim () não.

1ª Na sua concepção, o que é avaliar?

2ª Qual a sua opinião sobre a prática da avaliação na escola?

3ª Quais instrumentos de avaliação você utiliza com mais frequência em sala de aula?

- () provas
- () trabalhos individuais
- () trabalhos em grupos

4ª Qual o sentido da avaliação que você pratica com seus alunos? Justifique:

5ª Quando você avalia seus alunos, o que você leva mais em consideração, os erros ou os acertos? Explique:

6ª Para você, qual o objetivo central da avaliação?

- () Promover o aluno de um ano para outro.
- () Saber quais alunos aprenderam o conteúdo e quais não aprenderam.
- () Contribuir para a aprendizagem dos alunos.

7ª Quais as estratégias que você utiliza para mediar a aprendizagem de seus alunos?

8ª Você participou ou participa de alguma formação continuada? Essa formação contribuiu para a sua prática avaliativa? Comente.

9ª Qual a maior dificuldade enfrentada por seus alunos em sala de aula? Por quê?

10ª A gestão da escola faz alguma interferência em sua prática avaliativa? Explique:

Obrigada pela atenção.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CAJAZEIRAS – PB
CURSO DE PEDAGOGIA**

Você está sendo convidado(a) para responder este questionário, elaborado por mim, Carliane Mendes, estudante do 8º período de Pedagogia. Vale salientar que essa pesquisa é somente para fins acadêmicos, não será divulgado nome do entrevistado(a), assim como o nome da instituição de ensino, pois o mesmo tem por objetivo a realização do meu projeto de pesquisa, na disciplina **PESQUISA EM EDUCAÇÃO II**, e futuramente minha monografia.

QUESTIONÁRIO DE COLETA DE DADOS

Caracterização dos discentes

Nome: _____ idade: _____

Endereço: _____

Email: _____ Telefone: _____

1ª O que você costuma fazer mais na escola?

() provas

() trabalhos individuais

() trabalhos em grupos

2ª Você tira notas boas ou notas baixas? Por quê?

3ª Você gosta de fazer provas? Por quê?

4ª Como você gostaria que fossem feitas as provas com você? Por quê?

5ª Qual a sua maior dificuldade na hora de fazer a prova? Por quê?

Obrigada pela atenção!!!!



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. INFORMAÇÕES A(O) PARTICIPANTE

- 1.1.** Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido visa a atender às exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que, no Brasil, regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos. Seu principal objetivo é assegurar e preservar os direitos dos participantes de pesquisa.
- 1.2.** Atendendo à referida Resolução, este Termo contém informações acerca do projeto de pesquisa e seu responsável abaixo mencionado. De pleno direito, o(a) participante deverá tomar conhecimento do teor do projeto para que possa, de modo esclarecido e livre de quaisquer imposições, decidir por sua inclusão, através de sua assinatura ao final do termo, ficando de posse de uma de suas vias, e a outra, de posse do pesquisador.
- 1.3.** Quando se tratar de participante que seja impossibilitado de assinar, no caso de não-alfabetizado, cabe ao pesquisador, na presença de testemunha, fazer a leitura do termo, de forma clara e pausada, repetindo-a, se necessário for, respeitando a condição social, econômica, cultural e intelectual do participante, que, neste caso, deixará sua impressão datiloscópica (marca de seu polegar) na parte final do termo, além de recolher a assinatura da testemunha.
- 1.4.** O participante legalmente incapaz deve ser representado por seu respectivo responsável, e, no caso de sua ausência, por um representante legalmente constituído pelo Estado, e que possa defender seus direitos, assinando o termo.

2. IDENTIFICAÇÃO

2.1 Título do Projeto de Pesquisa: As práticas avaliativas e suas implicações

para o desenvolvimento cognitivo do educando

2.2 Nome do pesquisador Responsável: Carliane Mendes Dias

2.3 Instituição proponente: Universidade Federal de Campina Grande-UFPG / Centro de Formação de Professores-CFP / Unidade Acadêmica de Educação-UAE – Campus de Cajazeiras/PB, situada na Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, S/N – Casas Populares, telefone: (83) 3532-2000, CEP: 58.900.000, Cajazeiras/PB.

2.5 Finalidade O trabalho **As práticas avaliativas e suas implicações para o desenvolvimento cognitivo do educando** tem o propósito de conhecer as práticas avaliativas do educador do 4º Ano e as contribuições que a mesma tem para fortalecer o processo de ensino-aprendizagem.

INFORMAÇÕES ACERCA DO PROJETO DE PESQUISA:

3.1 Justificativa:

Muito se tem dialogado e escutado nos cursos de licenciatura em Pedagogia sobre as diferentes práticas avaliativas que os docentes proporcionam aos alunos para aprová-los ou reprová-los durante todo o processo de ensino-aprendizagem. Diante dessa perspectiva, é necessário compreender a contribuição que a mesma tem, para o desenvolvimento cognitivo do educando.

Deste modo, as práticas avaliativas no âmbito educacional contribuem bastante na formação pessoal e social de cada criança, pois, como sabe-se esses pequenos seres chegam à escola providos de inteligência que devem ser estimuladas pelo professor em sala de aula.

Dessa forma, avaliação significa dizer que são as inúmeras possibilidades que o educador tem para avaliar a capacidade cognitiva dos seus alunos, oferecendo-lhes de maneira igualitária, chances de alargar suas capacidades múltiplas. Porém, apesar da avaliação ser um fator bastante discutido nas rodas de conversas dos profissionais de educação, muitos professores ainda optam pela mais fácil e que ultrapassa de geração para geração, denominada classificatória, essa que em alguns momentos não

ajuda no desenvolvimento do aluno, pois muitas vezes rotula e ao mesmo tempo puni os discentes, os impedindo de progredir nos estudos.

Busquei alguns autores como Jussara Hoffmann (2009), Pedro Demo (2002), Clóvis Roberto dos Santos (2005) e Maria Tereza Esteban(2008) para fundamentar teoricamente o meu trabalho acadêmico, buscando com os embasamentos teóricos, ampliar o meu conhecimento sobre a avaliação educacional, como a mesma é vista na escola onde desenvolvi a pesquisa de campo, sua significância para a natureza do conhecimento do próprio professor e como também a solução que o mesmo busca para solucionar os problemas que dificultam a aprendizagem.

Certo é que as práticas avaliativas no âmbito educacional contribuem bastante na formação pessoal e social de cada criança, pois, como sabemos esses pequenos seres chegam à escola, providos de inteligências que devem ser estimuladas pelo professor na sala de aula.

Dessa forma, avaliação significa dizer que são as inúmeras possibilidades que o educador tem para avaliar a capacidade cognitiva dos seus alunos, oferecendo-lhes de maneira igualitária, chances de alargar suas capacidades múltiplas. Porém apesar da avaliação ser um fator bastante discutido nas rodas de conversas dos profissionais de educação, muitos professores ainda opta para a mais fácil e que ultrapassa de geração para geração, na qual é denominada, classificatória, essa que na maioria das vezes não ajuda no desenvolvimento do aluno, pois muitas vezes rotula e ao mesmo tempo puni os discentes, os impedindo de progredir nos estudos.

As modificações em avaliação têm ocorrido minuciosamente, segundo Hoffmann (2009), nos dias atuais refletem sobre inúmeros pequeninos, cada vez mais tendo dificuldades na aprendizagem, algo que acontece devido ao papel elitista e tradicional que a escola possui, pois ainda não deram conta que é preciso mudar esse perfil, para oportunizar a todos o direito de aprender.

Enfim, a mudança que se espera deve começar primeiro pelos professores, que não estão ainda preparados para reconstruir suas práticas pedagógicas, pois no ato de avaliar o desempenho dos educando usufrui apenas de regras que a escola estabelece, como por exemplo: através de notas, testes e tarefas que determina o numero que o aluno tirou na execução de suas atividades.

Assim é de grande importância a pesquisa sobre a avaliação para que a partir dos dados coletados possam vir outras concepções sobre a avaliação e a importância que a mesma tem para a aprendizagem do educando.

3.2 Objetivos:

3.2.1 Objetivo Geral: analisar durante as práticas avaliativas do professor os motivos que levaram os alunos do 4º Ano do Ensino Fundamental a não desenvolverem suas aptidões cognitivas.

3.2.2 Objetivos Específicos:

- Avaliar o processo de avaliação na sala de aula;
- Observar se as práticas avaliativas utilizadas pelo professor estão contribuindo para a aprendizagem dos educando/as.
- Investigar o desenvolvimento cognitivo do educando.
- **3.3 Procedimentos: o planejamento da pesquisa constitui-se da: (especificar aqui o Cronograma de Pesquisa)**

CRONOGRAMA

ATIVIDADES/ MESES	Agos	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
1. Levantamento de literatura											
2. Montagem do projeto											
3. Elaboração dos instrumentos para coleta de dados											
4. Coleta de dados											
5. Tratamento dos dados											
6. Elaboração Da Monografia											
7. Revisão do texto											
8. Entrega da Monografia											

3.4 Benefícios esperados: Colaborar para reflexões e discussões a cerca do processo de avaliação nas escolas, a partir dos dados coletados sobre as práticas avaliativas do professor do estudo concretizado, levando em consideração as contribuições dessa prática avaliativa para uma aprendizagem de qualidade com o intuito de proporcionar uma nova visão da avaliação.

4. GARANTIAS A(O) PARTICIPANTE DE PESQUISA

4.1 Garantia de esclarecimentos, antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia e procedimentos da mesma.

4.2 Liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo *ao seu cuidado ou assistência* (caso o voluntário esteja recebendo cuidado ou assistência no âmbito da instituição onde está sendo realizada a pesquisa).

4.3 Garantia de que receberá assistência especializada a qualquer eventual necessidade resultante do(s) procedimento(s) de pesquisa, seja essa necessidade, imediata ou tardia. (informar quem se responsabiliza, que tipo, como e por quem será oferecida a assistência).

4.4 Garantia do sigilo que assegure a privacidade do(a) participante quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, e anonimato, visando preservar a integridade de seu nome e dos seus.

4.5 Garantia de que receberá retorno dos resultados da pesquisa e de sua publicação para fins acadêmicos e científicos, e que os dados coletados serão arquivados e ficarão sob a guarda do pesquisador, estando acessível a(o) participante quando desejar.

4.6 Garantia de que não terá nenhum ônus com o projeto, que será totalmente custeado pelo pesquisador e/ou patrocinador, e/ou instituição, e que será ressarcido de despesas decorrentes do projeto de pesquisa, como deslocamento, afastamento das atividades e/ou do trabalho, hospedagem, alimentação, bem como será indenizado por eventuais danos diretamente resultantes da pesquisa a curto, a médio ou longo prazo.

4.7 Garantia de que poderá buscar informações junto ao pesquisador responsável, que estará acessível para esclarecimentos e/ou dúvidas acerca do andamento, conclusão e publicação dos resultados, bem como, de que poderá buscar informações junto a Universidade Federal de Campina/UFPG Centro de Formação de Professores/ CFP, Unidade Acadêmica de Educação/ UAE- Campus de Cajazeiras, situada na Rua Sérgio de Figueiredo s/n- Casas Populares, telefone: 83 3532-2000, CEP: 58.900.000,

Cajazeiras/PB, que avaliou o trabalho e aprovou o Termo ora apresentado, ou a outras instâncias que podem esclarecer e defender seus direitos, caso manifeste esse desejo.

5. CONTATO(S) DISPONIBILIZADO(S) PELO(S) PESQUISADOR(ES)

Nome da/o pesquisadora/or: Carliane Mendes Dias

5.1. Ciente da importância da participação do voluntário, o agradece por permitir sua inclusão no acima referido projeto de pesquisa;

5.2. Se compromete, reiteradamente, a cumprir a resolução 196/96, e prometem zelar fielmente pelo que neste termo ficou acordado;

5.3. Como prova de compromisso, disponibiliza seus dados para contato ao participante:

Dados completos da/o pesquisadora/or:

Nome: Carliane Mendes Dias

Endereço: Rua Doutor Silva Mariz ,Alto da Boa Vista ,Nazarezinho-P.

6. CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Após obter as informações e esclarecimentos sobre o referido projeto de pesquisa e, estando de acordo com o teor desse termo, o (a) participante ou seu representante (no caso de legalmente incapaz), o assina, recebendo uma via, consentindo sua inclusão no protocolo de pesquisa, de forma livre e gratuita. A outra via do termo fica reservada ao pesquisador, que também assina esse documento.

Município de Cajazeiras/PB, _____ de outubro de 2011.

Nome do Participante ou Responsável Legal

(Nome do/a diretor/a da escola como responsável legal pela turma do 4º Ano
que participou da pesquisa)

CPF: _____

Assinatura do Participante ou Responsável Legal

(Assinatura do/a diretor/a da escola como responsável legal pela turma do 4º Ano
que participou da pesquisa)

CPF: _____

Assinatura do Pesquisador Responsável

